

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**OS IMIGRANTES NA IRLANDA: ANÁLISE DAS CAUSAS E DE
SUAS REPERCUSSÕES NA ECONOMIA E SOCIEDADE**

Bruna Gobbato Goulart

Porto Alegre

2008

Bruna Gobbato Goulart

**OS IMIGRANTES NA IRLANDA: ANÁLISE DAS CAUSAS E DE
SUAS REPERCUSSÕES NA ECONOMIA E SOCIEDADE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
ao Departamento de Economia como requisito parcial para
a obtenção do grau de Bacharel em Relações
Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Filippi

Porto Alegre

2008

*“À minha mãe, Célia, pelo
apoio incondicional”*

AGRADECIMENTOS

Durante a realização deste trabalho e ao longo de todo o curso de Relações Internacionais, recebi apoio e estímulo de algumas pessoas que não poderia deixar de agradecer neste que se coloca como marco do término de uma fase.

À minha mãe, Célia Maria Gobbato, pela paciência e confiança infinitas a mim dispostas. Pelo apoio emocional e financeiro ao longo de toda a vida e, principalmente, pelo exemplo de persistência, coragem, eficiência e hombridade a mim sempre demonstrado e ensinado.

À minha irmã, Carla Gobbato Goulart, e à minha vó, Noely Zuther Gobbato, por, ao lado de minha mãe, sempre primarem por meu crescimento pessoal e acadêmico. Pela paciência, apoio e confiança a mim também dedicados.

Ao meu chefe, Dietmar Sukop, pelos ensinamentos. Pelo apoio, compreensão e confiança a mim depositadas.

Ao meu professor e orientador, Eduardo Filippi, pelo auxílio e paciência durante a redação desta monografia.

Finalmente, aos meus colegas de curso, muitas vezes também grandes amigos, por tornarem a trajetória de realização do trabalho e do curso de relações internacionais muito mais leve e prazerosa.

RESUMO

Este trabalho analisa as imigrações ocorridas para a Irlanda a partir do *boom econômico* do final da década de 1980, visando esclarecer tanto as motivações que levaram a um grande fluxo de pessoas se dirigindo a trabalho para o país nos últimos anos – e o processo pelo qual este ocorreu – quanto o impacto social e econômico que isso representa para a Irlanda no curto e longo prazo. Nesse sentido, analisam-se quem são os imigrantes e o que fazem no país, assim como o grau de inserção destas pessoas. Como base para o entendimento do fato, utiliza-se um marco histórico e outro teórico. O primeiro busca esclarecer a trajetória de insucessos econômicos e a conseqüente tradição emigratória dos nacionais irlandeses. O segundo, por sua vez, se coloca como fundamental no entendimento da razão teórica do surgimento imigratório.

PALAVRAS-CHAVE: Irlanda, Imigrantes, *Boom Econômico*, Grau de Inserção, *Gap Ocupacional* e Segurança Econômica

ABSTRACT

This paper analyzes the increase of immigrants in Ireland since the economic *boom* from 90's, aiming to shed light to the motivations that led many people to look for working in Ireland in the latest years – and the process by which it occurred –, as well as the social and economic impact that this fact can represent to Ireland in short and long term. In this paper is also analyzed who are this immigrants and what do they do in Ireland, as well as the integration grade of this people. The fact comprehension is based on historical and theoretical landmarks. The first aims to clarify the unsuccessful economic trajectory and the consequent Irish emmigratory tradition. The second is fundamental to understand the theoretical reason for the beginning of immigration.

KEYWORDS: Ireland, Immigrants, Economic Boom, Integration Grade, Occupational Gap, Economic Security.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO.....	9
1. O CRESCIMENTO ECONÔMICO IRLANDÊS E A CRIAÇÃO DO CENÁRIO FAVORÁVEL AOS IMIGRANTES	14
1.1 A Tradição Emigratória	14
1.2 A Dinâmica Econômica Irlandesa	16
1.2.1 A Tradição de Insucessos Econômicos	16
1.2.2 Criação das bases para o “Boom” Econômico	17
1.2.3 Anos 80: de “década perdida” aos determinantes do boom econômico.....	18
1.2.3.1 Telecomunicações	19
1.2.3.2 Educação.....	20
1.2.3.3 Transferências dos Fundos da União Européia	20
1.2.3.4 Investimento Estrangeiro	22
1.2.4 Da Pobreza a Uma das Grandes Economias Européias.....	23
2. TEORIAS DE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS.....	27
2.1 Teoria Neoclássica.....	27
2.2 A Nova Economia da Migração	30
2.3 Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado.....	31
2.4 Literatura sobre Integração e Salários	33
3. UM PERFIL DOS IMIGRANTES E SUAS INTERAÇÕES NA SOCIEDADE IRLANDESA.	36
3.1 As Ondas de Imigrações	37
3.3 Meios de Entrada a Trabalho no País	43
3.4 Impactos Econômicos da Imigração.....	46
3.4.1 Impactos sobre o Produto e Produtividade.....	46
3.4.2 Impactos sobre Empregos e Salários	49
3.4.3 Impactos sobre as finanças públicas.....	52
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXO 1	60
ANEXO 2	61

“Much greater emphasis needs to be put on helping recent immigrants learn the host-country language and become familiar with workplace practices”

Ángel Gurría,
Secretário-Geral da OECD, 2008

INTRODUÇÃO

A Irlanda sempre foi considerada um país muito pobre e caracterizado por ser a economia marginal da Europa. Mesmo antes da Grande Fome de 1840, na qual houve mais de um milhão de mortes e a população ficou reduzida à metade, o país já era economicamente frágil e sofria com emigrações. Em 1922, a Irlanda conseguiu a independência da Inglaterra, mas este fato não gerou grandes mudanças para o país, que continuou fortemente ligado aos ingleses, principalmente em relação a sua pauta comercial. Após a Segunda Guerra Mundial, enquanto todos os países cresciam a altos níveis – devido a reconstruções e investimentos externos –, a Irlanda permanecia estagnada, mantendo padrões protecionistas e gerando fluxo emigratório. Enquanto que boa parte dos principais países europeus já admitia idéias de união e comunidade e expansão comercial, a Irlanda resguardava-se em seu protecionismo. Esta postura, colocando-se afastada do mercado, fundamentando sua economia na agricultura, foi um dos fatores chave para o estrangulamento econômico irlandês. Seja por problemas econômicos, por falta de perspectiva de melhorias para a população ou até mesmo por grandes tragédias, os irlandeses criaram o costume de emigrar para países que possuíssem mais a lhes oferecer. Dessa forma, entende-se a imensa comunidade irlandesa nos EUA e no Reino Unido.

A situação deste país começou a mudar a partir da década de 1960, quando surgiram os primeiros sinais de abertura econômica e aceitação de capital externo. Durante duas décadas, o crescimento de cerca de 4,5% ao ano sustentou-se à custa de empréstimos feitos pelo governo federal e, nos anos oitenta – pelo menos até 1987 –, esta situação se tornou inviável. Em consequência, a Irlanda voltou a apresentar problemas econômicos que resultaram em crescimento negativo. Em 1973, a Irlanda entrou para a Comunidade Européia. Todavia, este fato não acarretou mudanças relevantes para o país no início da integração. Foram necessários anos de adequação às leis da UE, de vultosas transferências dos fundos estruturais, de participação e utilização do Mercado Único, para que, a partir de 1987, a Irlanda surgisse como o *Tigre Celta*.

Não houve somente um fator responsável por tornar a Irlanda uma grande economia. Dentre os principais podemos citar, como já foi dito: a entrada no Mercado Europeu e abertura para novos parceiros comerciais; o início, em 1987, da consolidação fiscal e monetária do país, fazendo com que o déficit caísse para menos de 15% do PIB; os Acordos Sociais como a diminuição de salários em troca de cortes de impostos; a diminuição de gastos

públicos; a desregulamentação de alguns setores chaves da economia, como telecomunicações e indústria aérea; o fim das políticas protecionistas a setores falidos e início de incentivos a novas indústrias; o *boom* de IDE, principalmente norte-americano; o crescimento demográfico; a habilidade de criar empregos, grande suprimento de empregos.

Neste contexto de *boom econômico* e de perspectivas positivas para o futuro da Irlanda, surgem os imigrantes. A partir principalmente da década de 1990, este país, além de estar se tornando uma economia promissora - o que vinha a confrontar toda sua história de pobreza -, passou a extinguir mais um padrão: ser um país emigratório. Em menos de uma década, o número de imigrantes cresceu e, atualmente, estas pessoas fazem parte do contexto irlandês. Atualmente, esses cidadãos compõem todas as estatísticas do país e representam boa parte da mão-de-obra. Conforme a Tabela 1, percebe-se que o PIB irlandês tem crescido periodicamente em função dos imigrantes (principalmente aqueles originários da Europa dos 10) enquanto que os PIBs de diversos países com grande contingente de emigrantes para Irlanda tem sofrido quedas em função da saída de um grande contingente populacional. Este é um dos argumentos capazes de demonstrar o grau de importância que os imigrantes alcançaram dentro da Irlanda.

Tabela 1: Impactos dos Imigrantes no Crescimento do PIB (em %)

	2005	2006	2007	2008	2009	2015
Dinamarca	0,04	0,08	0,09	0,11	0,13	0,16
Irlanda	0,09	0,21	0,39	0,65	0,92	1,66
Suécia	0,02	0,04	0,05	0,07	0,08	0,13
Reino Unido	0,16	0,26	0,32	0,38	0,44	0,64
Áustria	0,03	0,05	0,07	0,08	0,10	0,17
Alemanha	0,02	0,03	0,03	0,05	0,06	0,14
Itália	0,03	0,05	0,05	0,06	0,07	0,09
Rep. Tcheca	-0,02	-0,03	-0,05	-0,08	-0,10	-0,20
Estônia	-0,03	-0,08	-0,13	-0,16	-0,18	-0,25
Hungria	0,00	-0,02	-0,05	-0,09	-0,13	-0,22
Letônia	-0,12	-0,23	-0,34	-0,46	-0,54	-0,62
Lituânia	-0,19	-0,33	-0,41	-0,48	-0,56	-0,82
Polônia	-0,16	-0,25	-0,24	-0,23	-0,31	-1,05
Eslováquia	-0,05	-0,13	-0,22	-0,29	-0,32	-0,38
Eslovênia	-0,01	-0,01	-0,02	-0,03	-0,03	-0,04

Fonte: Economic and Social Research Institute Ireland, 2007¹

Apesar da política do governo federal visar a inserção destas pessoas na população, muitos pontos ainda deixam a desejar – provavelmente pela velocidade e a atualidade com que aconteceram tais fatos. Todavia, faz-se importante ressaltar que, mesmo havendo a intenção de integrar os estrangeiros e evitar que a Irlanda se torne um país segmentado, já existem questões econômicas e sociais a serem abordadas. Em um primeiro aspecto, nota-se a ocorrência de um *gap ocupacional*, uma vez que a maioria dos imigrantes atua em cargos aquém de sua qualificação. Pelo lado social, os imigrantes de mesma nacionalidade estão tendendo a se fechar cada vez mais em seus grupos. Contam com lojas de produtos específicos de sua cultura, jornais em sua língua e até programas de rádio.² Ambos os pontos são preocupantes para a Irlanda, uma vez que quanto menor for o grau de integração do imigrante, maior será sua volatilidade. Ou seja, estrangeiros não integrados possuem menor vínculo com seu país hospedeiro e, partindo-se da premissa que estas pessoas têm grande

¹ Dados retirados do artigo “EU Enlargement and Migration: Assessing the Macroeconomics Impacts”.

² Como exemplo, pode-se citar o bairro brasileiro em Dublin e a rádio polonesa na mesma cidade.

valor para o bom andamento da economia do país, torna-se bastante arriscado mantê-las neste padrão.

Através de todos os pontos brevemente citados e analisados acima se compreende a necessidade de estudar melhor o evento imigratório corrente na República da Irlanda. Já existem alguns autores irlandeses³ trabalhando fortemente sobre o assunto, todavia a velocidade dos fatos ultrapassa a pouca oferta de estudos e pesquisadores. A Irlanda parece ter traçado um caminho para continuidade de seu desenvolvimento e tem bons projetos para a inserção e adequação dos estrangeiros à sua sociedade. Entretanto, boas intenções não são suficientes. Existe a necessidade de compreender melhor quem são as pessoas que entram no país, o que elas fazem, que tipo de discriminação sofrem ou se sofrem, quanto elas auferem, há quanto tempo estão na Irlanda. Isto se torna cada vez mais imprescindível partindo do contexto que a intenção é manter o país como uma nova potência econômica em nível europeu e com estabilidade social, na qual estejam inseridos os imigrantes.

O **objetivo** central do trabalho é o de analisar a ida dos imigrantes para a Irlanda (os motivos que os levaram à migração), assim como as características destes imigrantes e de que forma eles estão inseridos na sociedade. Pretende-se verificar quem é o imigrante, qual é o papel e impacto dele na economia e, até, delinear, através das pesquisas, uma perspectiva para o futuro destas pessoas dentro do país.

Relacionado a esse objetivo, surgem alguns pontos principais a serem analisados, pensando em seguir uma seqüência lógica: causa – fato – consequência. O primeiro é o *boom econômico* em si (sendo a causa da imigração). Pretende-se verificar quais foram as motivações deste crescimento e de que forma ele aconteceu, com o objetivo de evidenciar a velocidade dos fatos e mudanças. O segundo é a imigração em si, destrinchando o perfil do imigrante e as políticas públicas criadas para inseri-lo na sociedade irlandesa. Por fim, após ter conhecimento da causa e do fato, pretende-se analisar e evidenciar os possíveis prognósticos para estas pessoas no contexto irlandês e para a sociedade como um todo.

A **hipótese** do trabalho é que os imigrantes na Irlanda não estão suficientemente integrados à sociedade e que esta questão, se não for bem considerada e elaborada, poderá se tornar um problema econômico e social ao país.

³ Alan Barrett, David Duffy, John Fitzgerald e Yvonne McCarthy são alguns exemplos de autores irlandeses que abordam com frequência em seus artigos a questão dos imigrantes.

Como já mencionado ao apresentar a questão que será trabalhada no trabalho, o tema dos imigrantes na Irlanda é corrente, está influenciando diretamente na dinâmica do país e ainda existem poucos pesquisadores realmente engajados no tema.

Nos últimos anos, a imigração se tornou um dos mais importantes assuntos para a economia e sociedade dentro da Irlanda. Em um curto período de tempo, este passou de um país praticamente sem estrangeiros para uma nação cujo percentual de imigrantes se compara com os grandes países da Europa.⁴ A presença desta população imigrante tem dado margem para o surgimento de diversas questões como as experiências destes profissionais na Irlanda e seus impactos. A partir deste contexto, percebemos que existe uma bibliografia ainda insipiente acerca do assunto na comunidade acadêmica mundial, e por conseqüência, na brasileira.

A busca pela inovação e pela originalidade motivou a realização deste trabalho, todavia esta não foi a única razão. Alguns meses de vivência neste país e de convivência com diversas nacionalidades de imigrantes fizeram com que inúmeros questionamentos surgissem e é, em busca destas respostas, que inicio esta pesquisa

⁴ Segundo o livro da OECD “A profile of immigrant population in the 21 century” em dados de 2005, os imigrantes na Irlanda contabilizam 10,4% da população, enquanto que na Alemanha e França representam, respectivamente, 12,1% e 10,0% da população.

1. O CRESCIMENTO ECONÔMICO IRLANDÊS E A CRIAÇÃO DO CENÁRIO FAVORÁVEL AOS IMIGRANTES

1.1 A Tradição Emigratória

O primeiro grande fato emigratório a merecer um destaque na história irlandesa é a Grande Fome de 1845, durante a qual mais de um milhão de Irlandeses emigraram para os Estados Unidos e para o Reino Unido. Não cabe a este estudo discorrer intensamente sobre o que foi um dos piores fatos ocorridos durante o século dezenove. Todavia, infere-se necessário fazer uma breve análise. Durante o século dezoito, a Irlanda passava por uma aparente época de tranquilidade econômica e social. O país havia se beneficiado com uma pequena participação no comércio do Atlântico e a indústria de linho estava se desenvolvendo com certo sucesso. Porém a base da economia mantinha-se na agricultura e, principalmente, na cultura da batata. Assim, quando, a partir de 1845, um fungo passou a se disseminar pelas plantações irlandesas, toda a economia e a sociedade sofreram um forte impacto. Em resposta a onda de fome e desemprego que se instaurou no país, muitos habitantes tentaram emigrar para outros locais. Os destinos mais comuns foram a Grã-Bretanha (principalmente a cidade de Liverpool), os Estados Unidos e o Canadá.

Nesse contexto, MOODY e MARTIN. (2001, pag. 225) destacam:

People everywhere were now seized by a panic to get out of Ireland. Emigration was limited on the spring and Summer, so that the effect of the partial failure of the potato crop in 1845 did little to increase the numbers of the year. It was a different history in July and August of 1846, when universal failure brought the new spectacle of heavy autumn emigration. The poor cottiers went first, and then in the early weeks of 1847 the small farmers began to forsake the country in droves. Six thousand emigrants sailed from Liverpool alone in January. So great was the demand for passages that direct sailings began from Ireland. It was mainly from smaller Irish ports that the notorious 'coffin ships' sailed, old and overcrowded craft whose owners had been drawn into the traffic in the hope of high profits. Liverpool was the first city to be invaded by what was virtually an army of refugees. The population of the port at that time was about a quarter of a million, and in one January week in 1847 over 130,000 people had to be given poor relief. By June, it was reckoned that 300,000 destitute Irish people had landed in the town. A very high proportion of them, of course, soon sailed for North America, but a residue of the most poverty-stricken inevitably remained. More than 100,000 emigrants sailed for Canada in 1847 (the most economical way to the United States at that being this indirect route), of whom it is estimated that at least a fifth perished of privation and disease.

Através deste trecho pode-se compreender a grandeza do fato e a relevância que a Grande Fome tem em relação à história emigratória da Irlanda. Ao final de 1851 – quando o fungo das batatas não existia mais e o país estava voltando à estabilidade – a população havia sido reduzida em mais de dois milhões de pessoas, das quais mais de um milhão havia emigrado e, outro milhão, havia morrido de fome ou de doenças provindas das péssimas condições alimentares e de higiene que haviam assolado a Irlanda.

De 1841 até 1960, a população irlandesa manteve-se em contínua queda, chegando a perder quase dois terços de seu contingente em menos de cem anos. Este fato deveu-se à grande quantidade de pessoas que deixaram o país durante esta época e à baixa taxa de reposição, ou seja, os nascimentos não compensavam as emigrações.

Outro fato relevante para a história emigratória da Irlanda é a Depressão dos Anos 30, pois durante muito tempo o principal destino dos irlandeses foi os Estados Unidos e esta tendência sofreu uma ruptura a partir da década de 30. Segundo Barrett (1999), entre 1880 e 1921, 87% dos emigrantes irlandeses se deslocaram para os Estados Unidos, enquanto que somente 10% foram para Grã-Bretanha. A crise americana dos anos 30, todavia, fez com que essa tendência começasse a ser invertida, até o ponto que, no final dos anos 40, 80% da população migrante já se deslocava em direção ao vizinho do leste. Esta tendência manteve-se até a década de 1970.

Cabe a este estudo rever brevemente as causas desta tradição emigratória irlandesa para que mais adiante possamos traçar um paralelo com as razões que geraram o “boom imigratório” para a Irlanda. Pode-se dizer que não há grande divergência entre os autores que tratam a respeito do tema. A maioria retrata este movimento migratório como consequência do baixo desenvolvimento econômico nacional, do desemprego causado pela baixa oferta de vagas no mercado de trabalho e por uma alta taxa de nascimentos, pela possibilidade de livre entrada dos cidadãos irlandeses nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha e, finalmente, pela existência de uma comunidade irlandesa forte em ambos os países (esta advinda das primeiras emigrações e, principalmente, da Grande Fome).

A exemplo, podemos citar SHARE, TOVEY e CORCORAN (2007, p. 161):

Reserve army’ emigrants make decisions that are primarily determined by the prevailing economic conditions. Furthermore they are likely to be constrained in terms

of opportunity structures of low or non-transferable skills. Their professional counterparts make decisions that tend to be reflexive or based on an ongoing and self-conscious evaluation of personal and professional goals. The context of reception in the host country is also different for each group. The ‘reserve army’ emigrants tend to be absorbed quickly into the Irish ethnic niches in the labour market. Furthermore they tend to live in the same neighborhoods and congregate in the bars.

1.2 A Dinâmica Econômica Irlandesa

1.2.1 A Tradição de Insucessos Econômicos

Como já foi acima citado, a Irlanda tornou-se independente da Grã-Bretanha em 1922 e já, no ano seguinte, foi iniciada uma guerra civil entre partes interessadas em voltar ao *status quo* e as satisfeitas com a mudança. Neste contexto de “nova” liberdade e forte necessidade de legitimação de autonomia, foram adotadas, pelo governo da época, políticas econômicas de cunho extremamente protecionista. A maioria das empresas estrangeiras foi banida do país, os impostos foram aumentados e o Estado passou a assumir todas as empresas de fornecimento básico do país: energia, bancos, navegação e previdência tornaram-se responsabilidade do Estado Irlandês. Faz-se importante ressaltar que este tipo de política não foi exceção no contexto mundial da época, pois diversos países encaminharam sua economia para um cunho mais protecionista em função da Segunda Guerra Mundial (Fedrizzi, 2002).

BREATHNACH (1998; 5; p.305) resume bem a situação da época:

An experiment with protectionism and import-substituting industrialization, introduced in 1930s, petered out in the 1950s, following which the Irish government opted instead for export-oriented industrialization based on the attraction of inward investment.

Em termos gerais, como pode ser notado no fragmento acima, estas medidas não geraram resultados muito benéficos à economia e, em função disso, a Irlanda passou quase três décadas estagnada e bastante dependente de suas ligações comerciais com a Grã-Bretanha. Todavia, a partir dos anos 50, as políticas de condução do Estado começaram a tomar novas direções. Em função da profunda recessão econômica e de insatisfação social, o governo irlandês passou a liberar certos aspectos de sua política protecionista. Apesar dos setores mais importantes ainda permanecerem na mão do Estado, as exportações e o investimento estrangeiro voltaram a ser bem-vindos pelos irlandeses. É importante citar, ainda, que outra causa relevante para a breve abertura foi a criação do Mercado Comum

Europeu, pois mesmo a Irlanda não tendo se tornado membro, sofreu influências das medidas liberais de comércio adotadas.(Burnham, 2003).

As políticas tomadas na década de 1950 começaram a surtir efeitos positivos a partir da década de 1960, quando surgiram os primeiros sinais mais significativos de crescimento da renda, das exportações e de redução das emigrações.

1.2.2 Criação das bases para o “Boom” Econômico

O início da década de 70 foi um retrato da anterior, todavia melhorado. A economia continuava crescendo em média 4% a.a. e as perspectivas positivas tendiam a aumentar, principalmente em função da entrada da Irlanda na Comunidade Européia em 1973. Este fato foi a razão fundamental de algumas alterações que ocorreram na política e economia irlandesas durante a época, pois em função da abertura comercial aos outros países europeus, a Irlanda deixou de ser tão dependente do Reino Unido e teve um crescimento forte nas exportações (principalmente agrícolas). Houve, também, outro fator bastante relevante neste contexto: a alteração da política fiscal. Em função da entrada na Comunidade Européia, a Irlanda precisou se adequar, pouco a pouco, a diversos padrões, dentre o quais, um dos primeiros a sofrer alteração foi a questão das alíquotas sobre o comércio internacional. Como exemplo, ressalta-se que o governo, em alguns casos, chegou a diminuir em 40% as tarifas sobre as exportações.

Este período, todavia, não foi somente caracterizado por mudanças positivas na economia. Juntamente com a liberalização do mercado e com a entrada de capitais externos, surgiu o aumento da inflação (reflexos diretos do enfraquecimento das políticas fiscais e monetárias e, também, do choque do petróleo de 1973) e o endividamento externo. Além destes fatores, permanecia existindo uma preocupante falta de oferta de vagas no mercado de trabalho – apesar, de nesta década, a emigração ter reduzido, o que é sinal de uma melhora relativa nas condições de obtenção de trabalho (BURNHAM, 2003).

Nesse contexto, SWEENEY (2003, p. 127) destaca:

A década de 1960 assistiu a um forte crescimento econômico de 4,3% do PNB por ano (1961-1973). Essa foi a primeira fase de IED que trouxe fábricas de montagens, graças aos salários baixos, mas empregos muito necessários. O crescimento sustentou-se nos anos 70 em 3,9% do PNB (1973-1979), mas graças, em larga medida, aos altos empréstimos tomados pelo governo, o que contribuiria para a estagnação da década seguinte.

Conforme foi brevemente citado no trecho acima, a Irlanda, como outros países emergentes, passou por uma séria crise na década de oitenta, a qual será melhor analisada no item seguinte.

1.2.3 Anos 80: de “década perdida” aos determinantes do boom econômico

Os anos finais da década de 1970 já sinalizavam o que estava por vir no período próximo. Apesar da relativa melhora em alguns aspectos da economia irlandesa durante quase duas décadas, outros pontos críticos haviam sido tratados com menos enfoque e seriedade, os quais se tornaram insustentáveis nos primeiros anos da década de 1980. As taxas de crescimento de cerca de 4,0% a.a. haviam sido sustentados à custa de empréstimos externos feitos pelo governo federal e pelo aumento do déficit público. Por certo período, esta política não foi questionada internacionalmente, até que, com a baixa de crescimento irlandês do início da década de oitenta, influenciada ainda, pela queda da economia mundial, os investidores internacionais começaram a deixar o país.

Uma das primeiras reações à crise econômica que estava se iniciando foi a diminuição dos gastos públicos o que, em contrapartida, gerou grande aumento da taxa de desemprego (que já não podia ser considerada baixa). Em meados de 1986, a porcentagem de desempregados no país beirava os 17% e, em consequência disto, a taxa de emigrações – que havia sofrido diminuição em função da melhora dos padrões de vida irlandeses e do aumento das oportunidades de emprego – voltou a crescer (BURNHAM, 2003).

Em 1987, o partido *Fianna Fáil* tomou posse do governo e Charles Hughey voltou a liderar o país. Mantendo a mesma linha política de quando foi Premier, em 1982, implementou um amplo programa de cortes nos gastos públicos, além de programas para arrecadação de impostos atrasados e do “*Programm for National Recovering*”. Como o nome já diz, este plano visava a recuperação nacional através de um programa de metas, não só governamentais, mas que agregavam a ação conjunta de representantes da população.

Sobre esse aspecto, BURNHAM (2003, p. 542) destaca:

Another element in the government’s program was the negotiation of a multiyear “Program for National Recovery” among government, unions, employers, and farmers – resuming a tradition of centralized wage bargaining begun in the 1970s. The essence of the program was a negotiation with key labor unions on a ceiling for pay increases, a modest amount of pay relief, and a promise to hold constant the real value of government-funded benefits. Although the direct economic impact of such

arrangements has been questioned, in this case the ensuing absence of labor strife helped give this form of “incomes policy” a favorable image in Ireland.

Este sistema, também chamado de *social partnership*, era fundamentado, basicamente, na negociação de salários entre governo, empresários e trabalhadores. O foco principal do acordo era evitar altos aumentos de salários e, em troca, garantir à população o pagamento reduzido de impostos – o que objetivava a dinamização da economia concomitantemente com a melhora dos padrões de vida da população (FEDRIZZI, 2002).

Os anos 80 foram, ainda, marcados por grandes alterações em algumas companhias prestadoras de serviço público, por transferências da União Européia e por mudanças nos padrões educacionais. Todos esses aspectos foram importantes para que a Irlanda surgisse, nos anos 90, como o Tigre Celta e, por esses fatores, serão melhor analisados abaixo.

1.2.3.1 Telecomunicações

Até a década de 80, a Irlanda era mundialmente conhecida pelo seu decadente sistema de telecomunicações. Além de ser pouco eficaz, era bastante caracterizado por seus altos custos - um dos maiores de toda a Europa. Este problema não afetava somente a população local na questão logística, mas, sim, influenciava todo o crescimento da economia uma vez que a péssima infra-estrutura de comunicações afastava as empresas estrangeiras do país. Muitas vezes, apesar dos baixos salários, a Irlanda não se tornava tão atrativa a investimentos estrangeiros por total falta de infra estrutura.

Este estrangulamento, todavia, começou a ser alterado quando o controle das telecomunicações irlandesas deixou de ser responsabilidade do *Post Office Department* e do serviço civil e passou a ser, em 1984, uma companhia estatal auto-financiável, a Telecom Eireann. Esta empresa se destacou muito no cenário europeu e nacional, porque foi capaz de, em pouco tempo, transformar uma instituição bastante retrógrada em uma das mais dinâmicas da Europa. Como exemplo, pode-se citar que o país inteiro foi equipado com fios de fibra ótica e que a Telecom Eireann passou a prover ligações internacionais a baixo custo aos irlandeses – ambas medidas bastante atrativas ao investimento externo (BURNHAM, 2003).

1.2.3.2 Educação

Outro fator bastante relevante para a formação da base do crescimento irlandês foi o investimento em educação. Diferente da maioria dos demais fatores geradores, este foi premeditado com a intenção de qualificar a população para uma possível maior demanda por profissionais mais adaptados ao mercado. Desde o início da década de 1960, houve incentivo governamental à educação. Todavia, nos anos 80, estes foram intensificados e alguns fundos foram destinados à abertura de novas universidades e RTCs (Regional Technical Colleges), principalmente focados na área de energia elétrica e tecnologia da informação.

O governo irlandês conseguiu, neste aspecto, perceber a necessidade da existência de profissionais qualificados como fator chave para a atração de empresas estrangeiras. Assim, não somente atuou na qualificação técnica dos profissionais, como incentivou o ensino e aprendizado de novas línguas estrangeiras. Quando as empresas multinacionais voltaram a investir na Irlanda, encontraram um cenário bastante favorável em relação à oferta de profissionais e este foi um fator determinante tanto na questão decisória pela Irlanda, quanto pela manutenção destas empresas no país.

Sobre o crescimento da educação na Irlanda, BREATHNACH (1998; 5; p. 307) salienta:

The rise in education levels may be attributed to measures mainly introduced in the 1960s designed to expand access to both second and third-level education. By the mid 1990s, of those leaving the education system, over 80 percent had completed secondary education and 50 percent had experienced third-level education. This compares with figures of 33 percent and 10 percent, respectively, for those leaving education around 1950.

Através do que se pode brevemente inferir sobre o desenvolvimento da educação neste país, é possível perceber a relevância deste aspecto na fundamentação do *boom econômico*.

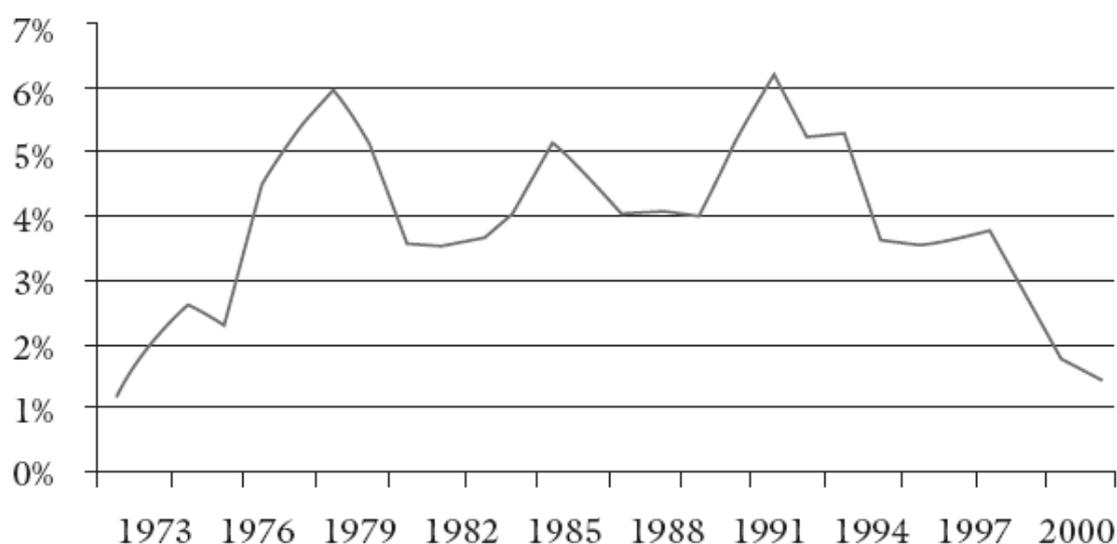
1.2.3.3 Transferências dos Fundos da União Européia

Quando um leigo pensa a respeito das principais causas do crescimento irlandês, a primeira resposta que surge à mente são as transferências dos fundos da União Européia e este fato remete à pergunta de quando este país se tornou membro. O momento da integração se

encaixa bem no histórico do crescimento e rapidamente chega-se à conclusão de que a hipótese está correta. Todavia, conforme está sendo analisado neste capítulo, o crescimento irlandês não foi causado por um fator somente, mas sim, por uma conjunção de motivos que não necessariamente possuem mesmos graus de relevância. Faz-se importante salientar que as transferências da União Européia tiveram, como as demais causas, um papel importante no “boom irlandês”, mas sozinhas não teriam gerado o resultado alcançado. A exemplo, vale citar outros países, como a Itália, que receberam fundos europeus e não despontaram como novas potências econômicas, BURNHAM, (2003).

O gráfico abaixo demonstra a influência das transferências da União Européia no PIB irlandês de 1973 até 2000. Como se pode perceber, a porcentagem de transferência de capital europeu para a Irlanda ficou em torno de 4 a 7% do PIB durante 20 anos, mas, nas últimas duas décadas tem se tornado bem menos significativa.

Gráfico 1: Transferências da União Européia como porcentagem do PIB irlandês de 1973 a 2000.



Fonte: Departamento das Finanças, Irlanda⁵

Os fundos transferidos foram utilizados para melhorias na infra-estrutura do país, principalmente nos arredores da capital – Dublin. Foram construídas novas estradas, os aeroportos foram revitalizados e alguma parte dos investimentos serviram para o “*up grade*” das telecomunicações (já analisado acima) (FEDRIZZI, 2002).

⁵ Gráfico retirado do artigo “Why Ireland Boomed”, Burnham (2003).

Segundo BURNHAM (2003), o setor que mais se beneficiou com as transferências europeias foi o setor agrícola, uma vez que consta que boa parte do total transferido ao longo dos anos foi direcionada para o setor agrícola. Este autor ainda faz menção à colocação de fundos europeus nas ações de melhoria da educação da população irlandesa (ponto também já trabalhado anteriormente).

BREATHNACH (1998) afirma que os fundos da União Europeia foram muito mais importantes para a Irlanda proporcionando a expansão da capacidade produtiva do país no longo prazo do que criando empregos diretos num curto prazo.

1.2.3.4 Investimento Estrangeiro

O investimento estrangeiro, assim como outras variáveis responsáveis pelo crescimento econômico irlandês, não ocorreu por si só e também não remonta somente aos anos 80. Desde 1950, quando houve a abertura da economia e a diminuição da carga tributária às exportações, este fator vem sendo fomentado por políticas governamentais. Não apenas através de políticas de redução de impostos para empresas estrangeiras, mas por medidas de estabilização econômica do país e planos de adequação à demanda internacional, a Irlanda acabou se tornando extremamente atrativa ao capital estrangeiro durante a década de 80 e 90. Fatores como a melhoria do sistema de telecomunicações e o aumento da população qualificada para o trabalho – mantendo, ainda, o baixo custo da mão-de-obra (fator este diretamente ligado ao investimento em educação) - foram determinantes para o aumento de IDE ocorrido nas décadas de 80 e 90.

Sobre o aumento de atratividade irlandês ao IDE, FEDRIZZI (2002; p. 30) comenta:

Duas considerações devem ser feitas sobre esse ponto. A primeira é que os investimentos diretos não foram feitos porque as alíquotas eram baixas, mas porque acreditavam que elas permaneceriam assim. Essa confiança decorreu do trabalho de saneamento financeiro previamente executado. Um estado com finanças superavitárias dificilmente terá de revogar benefícios cedidos ao impacto das primeiras dificuldades. O segundo item é que as subsidiárias de empresas norte-americanas foram responsáveis por apenas 10% dos empregos criados em uma década. As empresas estrangeiras foram responsáveis por 70% da produção e 44% dos empregos em 1990; em 1998, esses números passaram a 80% e 50%. O setor manufatureiro é responsável por 20% dos empregos. Por maior que seja a contribuição do capital estrangeiro está longe de ser a principal explicação para o crescimento.

Sobre este trecho e, ainda, sobre o Investimento Externo Direto na Irlanda infere-se que foi uma das bases para o surgimento do Tigre Celta. Todavia, ela só existiu por causa de outras medidas tomadas anteriormente pelo governo irlandês, como o saneamento das contas públicas, as políticas de redução de impostos e o investimento em educação. Dentre todas as causas já analisadas neste trabalho, a vinda de IDE é, com certeza, a mais atrelada a diferentes variáveis.

A respeito das causas do crescimento econômico irlandês, foi feita, neste trabalho, uma breve análise para ambientar o leitor no contexto histórico econômico que foi capaz de atrair tamanho fluxo de imigrantes para a Irlanda durante a década de 1990 e 2000 (será melhor analisado no próximo capítulo). Infere-se, a partir da análise, que o *boom* irlandês tem como causas tanto fatores internos quanto externos e que é bastante complexo mensurá-las quanto ao seu grau de importância. Para BURNHAM (2003), os fatores mais relevantes foram o investimento em educação e nas telecomunicações. Já para BREATHNACH, as causas mais significativas para o crescimento econômico foi o IDE gerado pela grande oferta de mão-de-obra qualificada e barata que existia no país.

Por mais que se tente encontrar a causa principal para o surgimento do Tigre Celta, não é possível descartar as demais. A Irlanda tornou-se uma das grandes economias da Europa através da junção de muitos fatores que aconteceram desde as décadas iniciais do século XX e características endógenas à população, sem deixar de ser afetada ou ajudada por contextos internacionais e políticas governamentais.

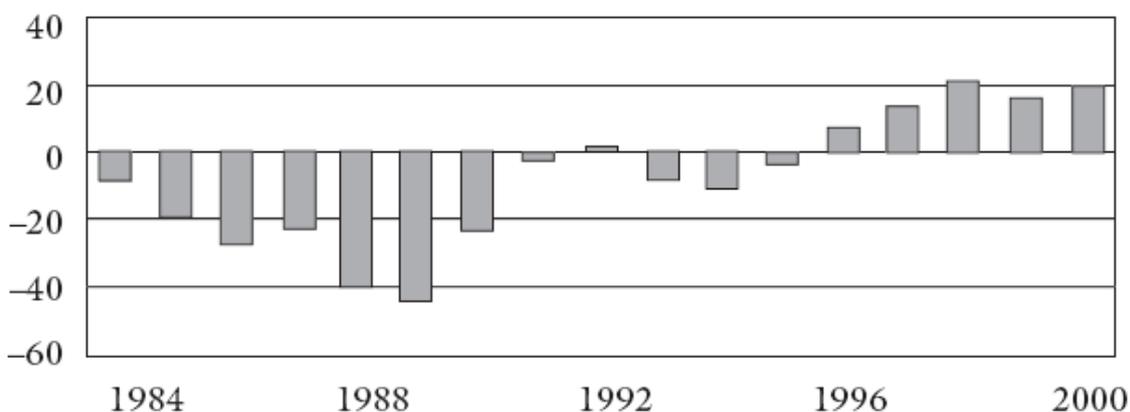
Após analisadas as principais causas do crescimento irlandês, será brevemente comentado o fato em si – dando ênfase para as dinâmicas e mudanças ocorridas.

1.2.4 Da Pobreza a Uma das Grandes Economias Europeias

Os anos de 1990 podem ser considerados os melhores de toda a história irlandesa. Nunca, em nenhum outro momento do país, houve tamanho crescimento econômico agregado a altas taxas de oferta de emprego e conseqüente reversão do fluxo migratório.

Conforme foi trabalhado anteriormente, o final da década de oitenta foi um período bastante turbulento para a economia do país em função, entre outros fatores, de saídas de capitais estrangeiros e endividamento interno e externo. O fluxo emigratório na época voltou a se elevar devido a falta de oportunidades na Irlanda e aos baixos salários. A década de 1990, todavia, viu todos estes problemas não somente desaparecerem, como tomarem a direção inversa. Aos primeiros sinais de recuperação econômica nos anos iniciais da década, notou-se uma forte parada no fluxo emigratório. Em um primeiro plano, os irlandeses começaram a encontrar novas oportunidades em seu próprio país e passaram a não ter mais a necessidade de emigrar. Em um segundo, mais a partir da segunda metade dos anos 90, o sucesso econômico do Tigre Celta tornou-se tão intenso internacionalmente que o fluxo migratório sofreu uma reversão: não só os irlandeses deixaram de sair, como alguns retornam e pessoas de outras nacionalidades decidiram “tentar a vida” na mais nova grande economia da Europa. Conforme citado em uma reportagem do jornal THE ECONOMIST, mais de 1.000 pessoas imigravam para a Irlanda por semana em 1999, sendo que mais de um terço eram nacionais em retorno.⁶

Gráfico 2 Rede Migratória Irlandesa de 1984 a 2000 (em 1000)



Fonte: CSO, 2001⁷

A mudança no paradigma migratório ocorreu muito em função do crescimento do PIB irlandês. Conforme se pode notar na tabela abaixo:

⁶ THE ECONOMIST. Honey Pot, Londres 28/8/99. trecho retirado da tese de mestrado de Fedrizzi.

⁷ Gráfico retirado do artigo “Why Ireland Boomed”, Burnham (2003).

Tabela 2: Crescimento do PIB e do PNB irlandeses

Fonte:

Ano	PIB%	PNB%
1994	5,8	6,3
1995	9,7	8,2
1996	7,8	7,4
1997	10,8	9,4
1998	8,6	7,9
1999	10,8	7,9
2000	11,5	10,4

Central Statistics Office Ireland (CSO)

A partir da segunda metade da década de 1990, o PIB irlandês começou a crescer a taxas contínuas, o que causou a desconfiança na credibilidade de tal crescimento. Surgiu a possibilidade de este crescimento ter sido apenas baseado nos ajustamentos contábeis das empresas multinacionais e, mais tarde, inferiu-se que apesar de estar crescendo, não havia empregos no país. Realmente, no início dos anos 1990, não havia ainda tanta demanda por mão-de-obra. Todavia, com o fortalecimento da economia irlandesa, a procura por trabalhadores cresceu rapidamente. Entre 1993 e 2000, o crescimento médio do emprego foi de 4,7% a cada ano, o que justifica mais uma vez a reversão do fluxo migratório (SWEENEY, 2003). O setor de serviços foi o que mais cresceu durante este período, tendo um aumento de demanda por mão-de-obra de quase 40%. Este setor tornou-se tão dinâmico que foi capaz de absorver os trabalhadores rurais que haviam perdido seus empregos em função da baixa absorção de trabalho pela agricultura. Outro setor que desenvolveu bastante a demanda por trabalhadores foi a construção civil, com um acréscimo de 26%.⁸ Apesar de ter havido bastante investimento neste setor, a infra-estrutura irlandesa permaneceu aquém dos padrões de crescimento de sua economia. Mesmo atualmente, no final da década de 2000, a Irlanda continua deficiente nestes padrões, principalmente em relação ao investimento em transporte. Como exemplo, é possível citar a capital do país, Dublin – maior receptora de imigrantes -,

⁸ Dados coletados entre 1989 e 1997.

que não tem capacidade de suprir a demanda por transportes públicos e privados e registra sérias dificuldades na oferta de moradias. O aluguel de imóveis em Dublin é um dos mais caros em toda a Europa, principalmente pela baixa oferta. Com o crescimento irlandês e com a chegada dos imigrantes, a demanda por bens e serviços no país aumentou muito e a oferta não foi capaz de acompanhá-la.

Fato bastante relevante na mudança do padrão de emprego na Irlanda foi a inserção feminina no mercado de trabalho. Antes do crescimento econômico, a porcentagem de mulheres no mercado de trabalho era muito baixa - uma das menores de toda a Europa. Entretanto, com o surgimento de novas vagas, aliado à necessidade de mão-de-obra e, ainda, contando com uma expressiva queda na fertilidade, as mulheres passaram a atuar no mercado de trabalho. Além do alto crescimento na oferta de empregos, houve uma imensa queda nas estatísticas de desemprego do país. Em 1993, os desempregados da Irlanda configuravam 15,9% da população economicamente ativa e, em 2000, este índice caiu para 4,3%.

Vale ainda, como forma de evidenciar o *boom irlandês*, falar um pouco do aumento da renda da população. Conforme citado por SWEENEY (2003), a Irlanda teve um dos maiores crescimento nos padrões de vida per capita de toda a Europa entre 1991 e 2003, alcançando o índice de 68,3%. Outros países como Alemanha não elevaram seus padrões no mesmo período, como registraram decréscimos. Mesmo os Estados Unidos, que passavam por uma de suas melhores fases econômicas não registraram tais índices.

Tentou-se, acima, traduzir um pouco do que foi o crescimento econômico irlandês das décadas de 1990 e 2000 para que seja possível, nos capítulos seguintes, entender o porquê de tantos estrangeiros estarem buscando um futuro na Irlanda.

2. TEORIAS DE MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Faz-se necessário, para melhor entender o evento imigratório ocorrido na Irlanda, analisar algumas teorias de migrações, assim como brevemente citar aspectos da literatura sobre integração e sobre desvantagens salariais. Infere-se que nenhuma teoria por si só é capaz de traduzir o que ocorre neste país. Porém, se forem sobrepostas, tornam mais claras algumas questões referentes ao fato.

Foram escolhidas três teorias de migrações para serem abordadas neste trabalho. Isto não significa, porém, que não existiam outras teorias sobre o tema que possam se encaixar no contexto irlandês. Todavia, pelo entendimento da autora, tais são mais compatíveis com os aspectos analisados neste trabalho.

2.1 Teoria Neoclássica

A Teoria Neoclássica foi a primeira a iniciar uma teorização dos movimentos migratórios. Baseando-se em Ravenstein (geógrafo formulador das leis estatísticas da migração e que abordava temas como o traslado de pessoas de áreas mais populosas para as menos) e nos princípios neoclássicos da economia, esta teoria abordou o processo migratório como expressão das vontades individuais e racionais de cada ser humano (Castles e Miller, 2003)

Esta perspectiva inferiu que o processo de decisão migratória depende unicamente da vontade de cada indivíduo e da comparação entre as vantagens e desvantagens de iniciar este tipo de mudança. Na realidade, os neoclássicos consideram que cada pessoa é suficientemente racional e que há disponibilidade perfeita de informações para que seja possível averiguar os custos e benefícios do processo. Ressalta-se ainda que esta perspectiva possui forte relação com a teoria do “*push and pull*”, a qual indica a existência de fatores de atração e repulsão que auxiliam o indivíduo em sua decisão de migrar. Para Portes e Böröcz (1989) os fatores “push e pull” são, respectivamente, que os trabalhadores mais pobres dos países mais atrasados seriam os com maiores propensão a migrar e que a existência de diferenças

econômicas entre países por si só seriam suficientes para gerar os fluxos migratórios.⁹ Castles e Miller (2003, p. 34), por sua vez, definem:

Estas aproximaciones seguidas se conocen como las teorías de “rechazo-atracción (*push-pull*)” porque perciben las causas de la migración como una combinación “factores de rechazo” que impelen a la gente a dejar sus áreas de origen, con “factores de atracción” que la atraen a ciertos países receptores. Los “factores de rechazo” incluyen: crecimiento demográfico, bajos niveles de vida, falta de oportunidades económicas e represión política; mientras que los “factores de atracción” son como la demanda de mano de obra, la disponibilidad de tierras, buenas oportunidades económicas y libertades políticas.

Cabe ainda inferir que, segundo esta teoria no seu enfoque microeconômico, migrantes levam em consideração, principalmente, a relação entre os salários de seus países de origem e os dos para os quais pretendem migrar. Impreterivelmente, a relação entre a diferença salarial dos países, somada aos custos inerentes à própria migração, deve ser favorável ao imigrante. Caso contrário, não há motivação para iniciar o processo. Dentre os custos referentes à migração não são somente considerados os eminentes, como gastos pecuniários. O processo de mudança, além de custos financeiros, causa transtornos de adaptação à língua, à cultura e às regras do país para o qual o migrante se destina.

Segundo Borjas (1989) *apud* Castles e Miller (2003), o imigrante tem o objetivo de sempre melhorar suas condições econômicas e maximizar seus benefícios e, em função disso, busca os países que possuem melhores oportunidades a oferecer, o que, neste contexto, geralmente se refere aos países com maiores níveis de crescimento econômico e que oferecem mais facilidades e vantagens aos imigrantes.¹⁰ Este autor analisa também os possíveis impactos dos imigrantes sobre os níveis salariais dos países receptores e geradores de mão-de-obra. Para os primeiros, a chegada de trabalhadores estrangeiros deveria levar a uma redução geral dos níveis salariais, o que, no longo prazo, poderia gerar equilíbrio econômico entre as regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas. Há ainda a preocupação com uma possível redução geral dos níveis de capacitação da população do país receptor, uma vez considerando-se que o imigrante possui menor qualificação que a população nativa. Chiswick (2000) *apud* Castles e Miller (2003, pág. 36), todavia, contraria as afirmações de Borjas:

⁹ Portes e Böröcz (1989) *apud* Figueiredo, 2005

¹⁰ Neste contexto, Borjas considera que existe um recrutamento de imigrantes por parte dos países mais desenvolvidos.

Chiswick dice que los migrantes se seleccionan a si mismos de manera positiva en el sentido de que los que tienen mayores habilidades tienen más probabilidades de trasladarse, porque obtienen un beneficio mayor en su inversión de capital humano que en su movilidad. Esto tiene efectos negativos para los países al causar una “fuga de cerebros.

Existe, ainda, o enfoque macroeconômico desta teoria que entende o processo migratório como a movimentação de fatores de produção. Neste caso, supõe-se que existem países com abundância em trabalho, porém falta de capitais. Dessa forma, em função da disparidade, haveria a realocação da força de trabalho excedente para locais nos quais houvesse capital em abundância.

A teoria neoclássica, apesar de possuir grande valor principalmente por ter sido a primeira a sistematizar os processos migratórios, abre lacunas para diversos questionamentos. A primeira forte crítica à teoria se pauta na decisão racional e individual do trabalhador a migrar. Sobre este aspecto infere-se que muito dificilmente haverá a possibilidade de um indivíduo sozinho obter informações plenas sobre um determinado país para que possa averiguar as vantagens e desvantagens de iniciar o processo migratório. Além deste fator, acrescenta-se que apenas a decisão de se deslocar não é suficiente para que um trabalhador consiga adentrar um determinado país. Existem restrições à mobilidade de pessoas na maioria das regiões, além de dificuldades de adaptação a idiomas e a sociedades e estas questões influem diretamente na propensão migratória. Esta teoria falha também ao explicar tendências migratórias, uma vez que, se as escolhas são realmente individuais, não explica porque determinadas nacionalidades tendem a migrar mais para certos países do que para outros.¹¹

Sobre este aspecto, Castles e Miller (2003, p. 37) inferem:

De ahí que la idea de migrantes individuales toman decisiones libres, que no sólo “maximizan su bienestar” sino también llevan a un “equilibrio em el mercado” (Borjas, 1989: 482), está tan alejada de la realidad histórica que tiene poco valor explicativo. Parece mejor, como sugiere Zolberg, analizar la migración laboral “como un movimiento de trabajadores impulsado pela dinámica de la economía capitalista transnacional, la que em forma simultánea determina tanto la “atracción” como la “expulsión” (Zolberg, Suhrke y Aguao, 1989: 407). Esto implica que las migraciones son fenómenos colectivos que deberían examinarse como subsistemas de un sistema económico y político cada vez más global.

¹¹ No caso, Castles e Miller (2003) utilizam o exemplo da existência de uma comunidade de argentinos na França e de Turcos na Alemanha.

2.2 A Nova Economia da Migração

Esta nova teoria surgiu para confrontar as idéias expostas pela teoria neoclássica, uma vez que questionou os pressupostos individualistas por esta instaurados. Nesta nova visão do processo migratório, a decisão por migrar não depende só do indivíduo, mas de sua família ou *household*¹². A migração, a partir desta teoria, não ocorre somente com intuito de maximizar o bem-estar de um trabalhador, mas de todo um grupo.

Alteração relevante ocorrida na Nova Economia da Migração é o foco perseguido pelo migrante. Este deixa de ser apenas a alavancagem salarial e passa a englobar novos objetivos como a obtenção de crédito, segurança financeira, a possibilidade de receber seguro desemprego entre outros fatores. Massey et al. (2005, p. 18) sintetiza a teoria no trecho abaixo:

A key insight of this new approach is that migration decisions are not made by isolated individual actors, but sometimes communities, in which people act collectively not only to maximize expected income, but also to minimize risks and to loosen constraints associated with various kinds of market failures, apart from those in the labour market.

A busca pelo bem-estar coletivo não necessariamente implica a mudança de todos os indivíduos das famílias ou *households* para o exterior. Pelo contrário, como forma de proteção às falhas de mercado, faz-se importante, segundo a teoria, que alguns membros permaneçam no país de origem e outros efetuem a migração – preferencialmente para lugares diversos e de forma sazonal. A razão da diversidade é dada como forma de proteção às possíveis alterações nas economias e mercados de determinados países, assim como a sazonalidade. Dessa forma, caso haja desemprego de algum dos membros da família em função de problemas econômicos de determinado país, os demais indivíduos serão capazes de manter o sustento desta através de remessas internacionais.

O processo migratório, na visão da Nova Economia de Migração, ocorre pela completa falta de espaço para mobilidade nos países geradores de mão-de-obra imigrante. Segundo Massey et al. (2005), países em desenvolvimento, geralmente, não possuem capacidade de oferecer determinados fatores a seus nacionais, o que impõe àqueles que buscam obter a casa própria, montar o próprio negócio ou se aposentar com certa tranquilidade, a alternativa de trabalho no exterior. Sobre este aspecto, Massey et al. (2005, p. 22) salienta:

¹² A definição do termo *households* é um grupo de duas ou mais pessoas que vivem na mesma residência e com um único orçamento doméstico.

As long as economic conditions in the non-local labour markets are negatively correlated or weakly associated with those in the home community, households will be in a position to control risks through diversification. In the event that economic conditions at home deteriorate and productive activities there fail to bring in sufficient income, the household can rely on migrant remittances for support. In most developed countries risks to household income are minimized through private insurance and credit markets or governmental programmes, but in developing countries these institutional mechanisms for managing risks are imperfect, absent, or inaccessible for poor families, giving them incentives to diversify risks through foreign wage labour.

2.3 Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado

“Standing distinctly apart from these models of rational choice, however, is segmented labour market theory, which sets its sights away from decisions made by individuals and argues that international migration stems from the intrinsic labour demands of modern industries societies”. Dessa forma, como apresentado no trecho, Massey et al. (2005), define a teoria do trabalho segmentado. Esta se difere das já apresentadas neste capítulo, uma vez que não foca a origem dos processos migratórios em decisões de nível micro, mas aborda como causa a demanda por trabalhadores exigida pelas sociedades modernas. Essa nova visão dos processos migratórios não nega a existência de fatores racionais influenciadores na decisão de migrar, uma vez que considera que objetivos como a maximização do bem-estar e a busca da elevação pecuniária podem ser pontos influenciadores na tomada de decisão do migrante. Todavia, não compartilha a idéia de que estes fatores por si só sejam capazes de fomentar um ciclo migratório.

A teoria do mercado segmentado é explicativa por seu próprio nome, uma vez que se parte da premissa de que o mercado de trabalho é dual, ou seja, dividido em duas áreas distintas – uma na qual se utiliza o capital e a outra, o trabalho. A primeira se caracteriza pela utilização de mão-de-obra qualificada, altos salários, estabilidade e segurança financeira para os trabalhadores. A segunda, por sua vez, é preenchida por pessoas com pouca qualificação, os salários são baixos, não há estabilidade e nem mesmo segurança em caso de desemprego. Em países desenvolvidos ou que passaram por um crescimento econômico significativo – como é o caso da Irlanda – a demanda de nacionais por empregos no segundo setor é bastante reduzida, uma vez que os salários oferecidos e a condição social referente à ocupação empregatícia não condizem com o padrão econômico da sociedade. É importante ainda inferir que mesmo havendo elevação de salários para funções menos qualificadas, o problema persiste por duas razões principais. A primeira pelos nacionais não se considerarem

apropriados para exercer tais funções e a segunda, considerando elevações nas bases salariais, pela formação de inflação estrutural. (Massey et al. 2005, p. 29).

Thus the cost to employers of raising wages to attract low-level workers is typically more than the cost of these workers' wages alone; wages must be increased proportionately throughout the job hierarchy in order to keep them in line with social expectations, a problem not as structural inflation. Attracting native workers by raising entry wages during times of labour scarcity is thus expensive and disruptive, providing employers with a strong incentive to seek easier and cheaper solutions, such as the importation of migrant workers who will accept low wages.

Conforme a citação acima, pode-se inferir que os imigrantes entram nas sociedades mais desenvolvidas como forma de suprir a demanda de mão-de-obra necessária ao segundo setor e neste sentido se tornam essenciais ao bom funcionamento da economia e sociedade. O recrutamento destas pessoas não necessariamente precisa ser elaborado pelos empregadores, já que os governos normalmente impõem regulamentações restritivas ou de incentivo a determinados imigrantes. Este é o caso da abertura, pela Irlanda, para trabalhadores dos novos países da União Europeia em maio de 2004, fato que será melhor analisado no capítulo seguinte.

Faz-se importante ressaltar a situação do imigrante segundo a teoria do mercado segmentado. Nesta visão do processo migratório, o trabalhador estrangeiro sofre diferentes pressões das acometidas aos nacionais, o que o torna próprio a exercer determinadas funções. Sobre essa questão infere-se que os imigrantes, geralmente, não passam por empecilhos sociais e econômicos para atuar em cargos do segundo setor, já que, em geral, são originários de países nos quais mesmo os níveis salariais de trabalhadores de alta qualificação estão aquém dos por eles auferidos no exterior. Além da questão salarial, existe a motivação do migrante pela obtenção de renda, ou seja, o imigrante normalmente possui um objetivo maior ao iniciar um processo de migração, o qual lhe estimula a atuar em cargos menos qualificados e de menor remuneração. Há necessidade, todavia, de perceber que o imigrante não está eternamente condicionado a esses padrões, pois com o passar do tempo e de acordo com seu grau de inserção na sociedade, mesmo o trabalhador estrangeiro passa a requerer melhores condições salariais e de posicionamento na sociedade (Massey et al., 2005). Essa questão será melhor discutida no próximo capítulo, relacionando-a no contexto irlandês.

Ainda sobre a teoria do mercado segmentado, ressalta-se a proposição de existência de enclaves étnicos nas sociedades. Em alguns países, quando há imigração de estrangeiros de

alta qualificação e com capital suficiente para se inserir no primeiro setor como empregadores, há a possibilidade de criação de um enclave étnico. Massey et al. (2005) inclusive supõe a formação de um terceiro setor, uma vez que os estrangeiros tendem a empregar somente pessoas de mesma nacionalidade. Os cargos oferecidos neste tipo de emprego podem ser considerados, em sua essência, parecidos com aqueles do segundo, já que também são, entre outras características, mal remunerados e instáveis. Todavia, provê ao imigrante chance de mobilidade social, uma vez que proporciona maiores compensações, como pode ser inferido do trecho abaixo, Massey et al. (2005), p.31:

Unlike the secondary sector, however, the enclave provides immigrants with significant economic returns to education and experience, as well as the very real prospect of upward socioeconomic mobility, thus replicating features of the primary sector

2.4 Literatura sobre Integração e Salários

Chiswick et al. (2005)¹³ em seu livro “Longitudinal Analysis of Immigrant Occupational Mobility: A Test of the Immigration Integration Hypothesis” testam os níveis de integração de imigrantes e chegam ao entendimento que os imigrantes vivenciam um padrão “U-Shaped” de ocupação.¹⁴ Dessa forma, os autores partem da premissa que o imigrante ao deixar seu país de origem possui um trabalho de determinada qualificação e, ao migrar, sofre uma queda neste padrão. A este fato se atribui às possíveis deficiências no idioma estrangeiro e às primeiras dificuldades de adaptação ao novo ambiente. Com o passar dos anos e com a aquisição progressiva das qualificações citadas, o imigrante passa a retomar seus antigos padrões, inclusive atuando na mesma posição que em seu país de origem. Entende-se, dessa forma, a denominação “U-shaped”, uma vez que o imigrante deixa um alto padrão ocupacional e passa a atuar em atividades aquém de suas habilidades. Todavia, com a aquisição de determinadas qualidades, o imigrante volta elevar seu nível ocupacional até retornar a exercer as mesmas funções que em seu país de origem. Os autores ainda salientam que este tipo de mobilidade ocupacional ocorre com mais frequência para imigrantes altamente qualificados do que para os com menor grau de qualificação. Essa afirmação mostra-se bastante coerente, uma vez que o imigrante menos habilitado necessita ultrapassar

¹³ *apud* Barret e Duffy (2007)

¹⁴ Como “U-Shaped” entende-se algo em forma de U. Neste caso, seria a integração do imigrante que possuiria este formato.

não somente as barreiras normais a qualquer estrangeiro para ascensão ocupacional, mas precisa adquirir qualidades específicas.

Sobre tais fatos, Barrett e Duffy (2007, pág. 7) inferem:

Chiswick et al. (2005) find evidence of occupation integration for immigrants in Austrália. For example, those with higher levels of pre-immigration skills were found to show greater improvements in occupational status, within a timeframe of three years and six months. For Spain, Amuedo-Dorantes and de la Rica (2006) show that immigrants from the EU do not display any occupational disadvantage relative to natives, which appears supportive of the Chiswick et al (2005) hypothesis on migration between similar countries.

Chiswick (1978)¹⁵ também trabalha a questão dos salários dos imigrantes e sobre este aspecto infere que, normalmente, no início do processo de migração, os estrangeiros sofrem um desvantagem salarial em relação aos trabalhadores do país hospedeiro. Todavia, com a aquisição de determinadas qualidades como fluência no idioma local e adequação às exigências do mercado local, as disparidades tendem a se extinguir e a quantia auferida por determinados cargos passa a se igualar. Este autor sugere também que os imigrantes originários de países com maiores semelhanças ao hospedeiro, tendem a passar por menores desigualdades salariais, uma vez que as semelhanças entre os mercados os tornam mais competitivos no exterior. Cabe ainda ressaltar que, segundo Chiswick, os salários podem não somente se igualar como o imigrante, através de seu maior esforço e foco, tem possibilidade de auferir mais por uma mesma função. (Barrett e Duffy, 2007)

Borjas (1985 *apud* Barret e Duffy, 2007), por sua vez, discorda da visão proposta por Chiswick, já que considera que a obtenção de uma paridade salarial entre imigrantes e nativos é de difícil ocorrência. Quanto às afirmações de melhora ocupacional e salarial dos imigrantes em determinadas regiões, Borjas afirma que não necessariamente seja um indício de integração dos estrangeiros ao mercado de trabalho. Segundo este autor, muito pode se dever à formação de coortes.¹⁶

Relacionando o caso irlandês com as teorias acima brevemente analisadas, pode-se inferir que cada uma possui pelo menos um ponto correlacionado com as questões ocorridas na Irlanda nas duas últimas décadas. A Teoria Neoclássica, uma vez que aponta a busca

¹⁵ *apud* Barret e Duffy (2007)

¹⁶ Como coorte entende-se um grupos de imigrantes de mesma nacionalidade que se protege e auxilia, dando suporte também para novos imigrantes de mesma origem.

individual por melhores salários, pode ser relacionada com a enorme quantidade de pessoas altamente qualificadas trabalhando em posições de menor nível intelectual com o intuito de auferir mais que em seus países de origem. Nesta teoria pode-se também identificar a questão do “melhor” país, ou seja, a Irlanda aparece como um dos locais que mais tem oferecer aos imigrantes em função do recente crescimento econômico.

A Nova Economia de Migração, por sua vez, se destaca por trazer a separação da família em busca da segurança econômica de todos. No caso irlandês, é bastante comum a migração de somente um membro da família estrangeira. Este fica responsável por fazer remessas internacionais para auxiliar no sustento da família. No próximo capítulo será melhor visto que essa prática não é benéfica à Irlanda, uma vez que a família não estando presente no país, gera empecilhos para a integração do imigrante.

A Teoria do Trabalho Segmentado se aproxima bastante do contexto irlandês quando cita a existência de um segundo setor não competitivo a um primeiro. Na Irlanda, os imigrantes não são fator ameaçador aos nacionais e não pressionam a queda salarial, pois suprem uma oferta de cargos não tão bem remunerados, para os quais não existe mão-de-obra disponível no país. Esta teoria se refere também à formação de enclaves étnicos, o que também pode ser encontrado na Irlanda. O grande número de imigrantes do leste europeu e asiáticos possibilita o surgimento de locais nos quais haja apenas trabalhadores destas nacionalidades. É o caso de lojas com artigos específicos de certas culturas (como a polonesa) e de diversas *lan houses* dirigidas por chineses.

Este capítulo objetivou um maior entendimento sobre as diversas abordagens relativas às teorias de migrações para que, no capítulo seguinte, possa haver uma melhor compreensão do fenômeno imigratório irlandês.

3. UM PERFIL DOS IMIGRANTES E SUAS INTERAÇÕES NA SOCIEDADE IRLANDESA.

“Around 15% of people living in Ireland were born outside the country. The proportion of foreign-born has doubled in the space of a decade, which by OECD standards is an extremely rapid change in the population mix. Ireland has now surpassed the United States, the United Kingdom and France, three countries with much longer immigration histories. The number of foreign nationals in the country is less than the number of foreign born, at around 10% of the population. The difference is mainly accounted for by the children of the diaspora who were born abroad to Irish parents, and who are entitled to Irish nationality”. Este trecho retirado da última Pesquisa Econômica da OECD sobre a Irlanda transpõe claramente o grau de importância e relevância que os imigrantes adquiriram neste país na última década. Conforme o próprio trecho informa, os imigrantes já são 15% da população irlandesa - índice mais elevado que em outros países já tradicionais em relação ao fluxo migratório. (OECD Economic Surveys Ireland, 2008)

A questão dos imigrantes na Irlanda tem se tornado cada vez mais corrente entre pesquisadores da ESRI (Economic and Social Institute Ireland) e do CSO (Central Statistic Office Ireland) e, desta forma, os principais artigos e censos sobre este assunto datam dos três últimos anos (2006, 2007 e 2008). Todavia, apesar de já haver a percepção da relevância do imigrante dentro da sociedade irlandesa e de já estar acontecendo um trabalho por parte do Estado na busca da integração destas pessoas ao país, as informações - mesmo atuais - ainda são insípidas.

A imigração para a Irlanda, diferentemente do *“boom econômico”*, ocorreu de forma muito rápida e, até, inesperada. Conforme foi analisado no capítulo anterior, o crescimento econômico irlandês aconteceu de forma abrupta, porém teve suas causas baseadas em acontecimentos e medidas anteriores à década de 1990, o que fez com que o país e a população, de certa forma, já aguardassem pela transformação.

A vinda dos imigrantes, por sua vez, diferenciou-se neste aspecto. Em um pouco mais de uma década¹⁷, um país caracterizado por um fluxo elevado de emigrantes, reverteu a tendência e, ainda, ultrapassou países de tradição imigratória a respeito dos índices de estrangeiros residindo e trabalhando em território nacional. Para este fato, não existem causas históricas ou estruturais que possam remontar a décadas passadas. A causa da vinda dos imigrantes para a Irlanda é imediata e diretamente relacionada ao crescimento econômico. Infere-se que quando o fluxo migratório começou a reverter, não havia, por parte do governo, perspectivas claras de quantos imigrantes poderiam se direcionar à Irlanda, porém este fato superou qualquer expectativa (principalmente após a liberalização de trabalho para os nacionais da Europa dos 10 em maio de 2004). Entende-se, assim, a dificuldade por parte do Estado Irlandês e dos órgãos de pesquisa de, em um primeiro aspecto, identificar quem são os imigrantes e suas atividades e características dentro da sociedade e, em um segundo, programar políticas para sua integração.

Infere-se ainda que, apesar das dificuldades advindas da atualidade do tema, há o reconhecimento por parte do governo irlandês da importância dos imigrantes para a economia do país. Assim, algumas políticas já estão sendo criadas para diminuir problemas já identificados como, por exemplo, a disparidade salarial entre nacionais e estrangeiros e a inadequação ocupacional dos estrangeiros, ou seja, cargos aquém da qualificação do imigrante.

Assim, a partir desta breve apresentação do assunto a ser tratado neste capítulo, serão analisados a seguir o perfil do imigrante na Irlanda, sua ocupação e inserção na sociedade.

3.1 As Ondas de Imigrações

A partir da década de 1990 ou, mais precisamente, a contar do ano de 1996, a rede migratória irlandesa passou a contabilizar mais pessoas que ingressavam no país do que dele saiam. Desde então, este influxo permaneceu e só sofreu aumentos gradativos ao longo dos anos.

¹⁷ Considerando o início do crescimento econômico expressivo a partir de 1994.

Dentre os autores que refletem a respeito do tema, há uma tendência em dividir as ondas de migrações para a Irlanda em três grupos distintos. O primeiro se caracteriza pelos irlandeses (nascidos na Irlanda) que residiam em outros países e que regressaram com a melhora econômica do país, assim como pela entrada dos filhos (nascidos fora da Irlanda) de irlandeses que haviam emigrado há algumas décadas e pela chegada de cidadãos ingleses.¹⁸ Nesse grupo ainda estão inseridos imigrantes de nacionalidade alemã, japonesa e americana – entre outras – que foram transferidos para a Irlanda por multinacionais recém instaladas no país.¹⁹ O segundo se refere aos cidadãos dos países da Europa dos 10 (Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia e República Tcheca) que passaram a imigrar a partir da abertura para livre trabalho dos novos membros em maio de 2004. O terceiro, já menos significativo, se refere os cidadãos do resto do mundo (fora os Estados Unidos).

O primeiro grupo, em relação a sua inserção na sociedade, é, sem dúvida, o menos preocupante. Sendo uma vez composto por cidadãos falantes da língua inglesa e adaptados à cultura irlandesa, este grupo não sente maiores dificuldades ao se inserir no mercado de trabalho e, também, não sofre com desigualdade salarial. Mesmo os britânicos não sendo nacionais em retorno ou filhos de irlandeses (todos também considerados nacionais), têm alta capacidade de adaptação à sociedade irlandesa, não somente pela facilidade da língua, mas pela histórica aproximação entre os dois países (a Irlanda pertenceu ao Reino Unido até 1922). Segundo Barrett (2001), cabe ressaltar, ainda, que há estudos apontando que os irlandeses que emigraram na década de 1980 e que retornaram ao país em função do crescimento econômico, entre 1994 e 1997, eram mais qualificados e educados que a população em geral. Em função disso, não sofreram com a desigualdade salarial, mas sim, passaram a receber pagamentos mais elevados dos que os dos próprios nacionais.

Os migrantes pertencentes aos novos membros da União Européia (EU10), por sua vez, têm uma situação diferente da do primeiro grupo no contexto irlandês. Estas pessoas se caracterizam por possuir alta qualificação e elevado índice de empregabilidade dentro da sociedade irlandesa (em torno de 70%)²⁰, porém a desigualdade salarial e a ineficaz colocação ocupacional os afeta. Grande parte destas pessoas possui formação superior e está alocada na

¹⁸ OECD Economic Survey Ireland (2008)

¹⁹ Share, Tovey e Corocon (2007)

²⁰ OECD Economic Survey Ireland (2008)

prestação de serviços, trabalhando, muito comumente, em bares, restaurantes, supermercados, cafés, pequenas lojas e em serviços gerais. Suas funções, como se pode perceber, não são compatíveis com seu nível de qualificação e, dessa forma, sugerem, em uma breve análise, uma lacuna na inserção destas pessoas na sociedade irlandesa.

Sobre este aspecto, O'Connell e McGinnity (2008; p. 28) inferem:

Analysis of the sector of employment of respondents showed that migrants are most heavily represented in hotels and restaurants and are more heavily represented than Irish born respondents in real estate, renting and business activities. They show also that although immigrants in Ireland tend to be more highly educated than Irish born respondents the occupational breakdowns of the two groups do not reflect this difference. Barrett and Duffy (2007) also show that immigrants are less likely to be in higher-level occupations, controlling for other relevant factors, such as age and education. They also show that this "occupational gap" is highest for migrants from the new EU Member States, and that the gap does not appear to decline over time spent in Ireland.

Neste grupo, as nações mais representadas são a Polônia e a Lituânia, contabilizando três quartos do total dos imigrantes do leste europeu.²¹ Sua presença dentro da sociedade não é somente perceptível em números, mas como fato empírico. Dificilmente encontra-se, em Dublin, um *pub* ou supermercado onde não haja atendentes de ambas as nacionalidades. A população polonesa é ainda mais facilmente notada, uma vez que existem, na capital, jornais em polonês, rádio polonesa e diversas lojas de produtos específicos desta cultura.²²

Sobre este grupo, faz-se necessário ainda salientar que este se tornou mais presente no contexto irlandês a partir de maio de 2004. Conforme citado anteriormente, a Irlanda foi um dos quatro primeiros países (junto com Reino Unido, Suécia e Dinamarca) a liberar os novos membros para o livre trabalho e este foi um dos fatores relevantes para o grande fluxo de imigrantes destes países para a Irlanda.²³ Antes da liberação de acesso a trabalho, o perfil do imigrante destes países era diferente do atual. Segundo O'Connell e McGinnity (2008), entre 2003 e 2005, a porcentagem de imigrantes da Europa dos 10 ocupantes de posições altamente qualificadas diminuiu em relação aos com empregos com menor qualificação exigida. Este fato deve-se, principalmente, ao livre acesso para trabalho destas populações ao Estado Irlandês. Anteriormente a maio de 2004, eram necessários vistos de trabalho para a entrada no país, o que, de certo modo, selecionava de forma mais rigorosa os imigrantes.

²¹ OECD Economic Survey Ireland (2008)

²² Experiência adquirida durante vivência da autora na cidade entre dezembro de 2006 e abril de 2007.

²³ O governo irlandês esperava que com a abertura, imigrassem ao país em torno de 20.000 pessoas no primeiro ano. Consta, pelo Censo de 2006, que este número já ultrapassa 120.000.

O terceiro grupo engloba aqueles que não os supracitados, ou seja, todo o resto do mundo. Em relação aos outros grupos, este é menos significativo em seu tamanho - principalmente pelas maiores dificuldades de entrada no país-, mas sua presença também impacta a sociedade irlandesa. Mesmo sendo uma parcela menos significativa em relação aos outros grupos, suas porcentagens são relevantes se comparadas a outros países europeus. Sua composição é bastante diversificada, contando com imigrantes de países não falantes da língua inglesa vindos das Américas, África e Ásia, além de refugiados.

3.2 O Mercado de Trabalho

“As Ireland has only begun to experience large-scale immigration in the last decade, it is clearly important that the nature and consequences of this phenomenon be analyzed and understood. From a broader international perspective, Ireland’s experience raises important questions for economic research on the impact of immigration and also for policy. As will be seen below, immigrants into Ireland have notably higher levels of education relative to the domestic population. This in itself makes the Irish experience of interest. However, immigrants in Ireland are not employed in occupations that fully reflect their educational attainment. For this reason, in estimating labor market impacts this “occupational gap” must be taken into account. In addition, policy with regard to immigrants must address the issue of how to reduce the “occupational gap” if the potential contribution of immigrants is to be maximized”. (Barrett; Duffy e Bergin, 2006, p. 2.)

O trecho acima retirado do artigo “The Labour Market Characteristics and Labour Market Impacts of Immigrants in Ireland” escrito por Barrett, Bergin e Duffy transcreve de forma clara o principal dilema vivido pelos imigrantes no mercado de trabalho irlandês, o “gap ocupacional”, ou seja, a desqualificada colocação do imigrante nos postos de trabalho. De acordo com a Pesquisa Econômica sobre a Irlanda feita pela OECD em 2008, os três grupos supracitados estão bem inseridos no mercado de trabalho irlandês, uma vez que sua taxa de desemprego é relativamente baixa em relação a outros países da União Européia. Ressalta-se, ainda, que a maioria dos imigrantes tem maior grau de educação que os próprios irlandeses. São, porém, prejudicados ao não conseguirem empregos com altos níveis de qualificação pela defasagem na fluência da língua inglesa e menor adequação à cultura.

Quanto ao padrão do ciclo de emprego dos imigrantes, a pesquisa destaca que os três grupos não são da mesma forma afetados. Enquanto que nacionais de origem inglesa e do resto do mundo possuem maior facilidade para conseguir um primeiro emprego do que o segundo, os imigrantes vindos do leste europeu sofrem o movimento contrário. Para estes, o tempo de espera pelo primeiro emprego na Irlanda é mais longo, porém, depois de inseridos no mercado, raramente têm dificuldades na obtenção de um novo posto de trabalho.

Segundo o Censo de 2006, os setores nos quais há maior quantidade de mão-de-obra de imigrantes são o de restaurantes e hotelaria e o de finanças e negócios, contando com respectivamente 31,7% e 16,6% dos imigrantes que trabalham. Outros setores também estão citados na pesquisa, todavia com menor grau de relevância. Construção civil, trabalho em fábricas, vendas por atacado e varejo, saúde e trabalho social, transporte e comunicação, agricultura, educação e administração pública seguem os dois primeiros setores já citados em ordem decrescente de importância. Vale ainda ressaltar a grandiosidade percentual que os imigrantes dos novos países da União Européia representam em cada setor. Na maioria dos casos, pelo menos um terço dos trabalhadores não-irlandeses são originários de países como Polônia, Lituânia, Estônia, República Tcheca, etc...²⁴ Em relação a este grupo de imigrantes, infere-se, ainda, que geralmente trabalham em posições menos qualificadas que os outros grupos, mesmo havendo um mesmo patamar de educação – o que caracteriza um maior “gap ocupacional”.

O “gap ocupacional” sentido pelos imigrantes não é somente preocupante por efeitos pessoais causados, mas, também, por poder tornar-se uma questão de segurança nacional. Alguns autores como Barrett e Duffy têm demonstrado em seus artigos mais recentes uma forte preocupação com a falha de inserção destas populações na sociedade irlandesa. Há o receio que o imigrante não integrado e não satisfeito com seu papel na sociedade, tenha maior propensão a retornar a seu país de origem após alguns anos de poupança na Irlanda do que aquele que já tenha desenvolvido raízes no país (esteja trabalhando em uma ocupação coerente com sua capacidade e tenha trazido seus familiares para residir no mesmo local, por exemplo). Há a possibilidade, ainda, de que estas pessoas ao invés de retornarem aos locais de origem, passem a buscar outros países com crescimento econômico. Esta questão não

²⁴ Vide Anexo 1 – Percentage of Jobs in each sector held by immigrants

concerne somente à Irlanda, mas aos países fornecedores de mão-de-obra imigrante, conforme pode ser verificado no trecho abaixo:

This pattern means that Ireland is not making the best use of its migrant workforce. But it matters for source countries as well. While a brain drain is undoubtedly a problem for them in a short term, the longer-term impact can be positive if enough migrants return home with greater skills, experience and wealth. Countries with a tradition of high migration in both directions, such as Austrália, New Zealand and Ireland itself, have benefited from this two way flow. But the gains for the source country are reduced if migrants are stuck in basic jobs.

Em função da atualidade do fenômeno imigratório irlandês, não há suficientes dados coletados para medir com precisão o grau de inserção dos imigrantes no mercado de trabalho irlandês. Há estudos referindo um aumento da inserção dos trabalhadores dos países novos membros da União Européia que se deslocaram para a Irlanda entre os anos 1990 e 2000. Estes, todavia, não pode ser totalmente levados em consideração por não existir uma regularidade na captação dos dados, ou seja, estes índices podem ser apenas reflexos de uma “seleção natural” – somente os imigrantes que alcançaram o sucesso permaneceram na Irlanda, aprimorando, dessa forma, o grau de adequação geral deste grupo à sociedade. Por outro aspecto, ainda considerando o momento dos fatos, há a possibilidade – principalmente em relação aos imigrantes originários dos novos membros da União Européia – que o tempo de estada na Irlanda ainda não tenha sido suficiente para integrá-los ao país. Infere-se, ainda, que alguns imigrantes se deslocam para a Irlanda com o objetivo pré-definido de não se instalar no país, mas apenas utilizá-lo, por um curto período de tempo, como meio de ascensão econômica ou intelectual (OECD Economic Survey Ireland 2008)

Barrett e Duffy em seu artigo “Are Ireland’s Immigrants Integrating into its Labour Market?” perceberam, através da análise dos dados coletados pela pesquisa do CSO do segundo trimestre de 2005 (contendo data de chegada dos imigrantes e atuação no mercado), que os índices de colocação dos imigrantes em posições de alto nível vêm decaindo ao longo dos anos. Como exemplo, vale citar a decadência no número de imigrantes que atuam como administradores ou gerentes. Entre 1995 e 1999, 15,6% do total dos imigrantes inseridos no mercado de trabalho, atuavam neste setor. Este índice foi reduzido para 8,1% entre 2000 e 2001 e chegou a 7,1% no período 2004/2005. Os setores que exigem menor qualificação, por sua vez, traçaram uma trajetória inversa: a mão-de-obra imigrante no setor de vendas contabilizava 8,5% entre 1995 e 1999 e 12,4% no período 2004 e 2005. Os autores justificam

esta mudança no padrão ocupacional do imigrante principalmente pela diversificação de entrada de pessoas na Irlanda. Conforme já foi tratado anteriormente, a abertura para trabalho dos novos membros da União Européia, em maio de 2004, impactou o fluxo migratório para este país, uma vez que inseriu pessoas não tão bem adaptadas à língua e aos costumes da Irlanda quanto os imigrantes chegados em outras levas.²⁵

Por fim, vale ainda citar que não necessariamente o “gap ocupacional” sofrido pela maioria dos imigrantes na Irlanda deva ser considerado uma falha de integração. Para alguns países, apenas o indicativo da existência de empregos para os não-nativos, já é considerado um sinal de integração. Visto por este ponto, a Irlanda está muito bem adequada a sua nova situação de país receptor, uma vez que em torno de 70% dos imigrantes da Europa dos 10 estão empregados no mercado de trabalho irlandês. De qualquer forma, a incoerência entre qualificação profissional e atuação no mercado deve ser tratada com seriedade e devem ser criadas políticas públicas para a diminuição desta lacuna, como forma de garantir a segurança econômica do Estado.

Sobre este aspecto, Barrett e Duffy (2007; p.2) inferem:

While many studies show immigrants labour market disadvantages relative to natives, this is unsurprising in the case of newly arrived immigrants. These new arrivals may lack location-specific human capital such as language and knowledge of the local labour market. Hence, it would be expected that their earlier period in the host country would see them earning less or holding lower level Jobs. Concerns arise, however, for the immigrants themselves and for the host countries if immigrants are unable to overcome these initial disadvantages. A failure to integrate into the labour market, by which we mean that immigrants experience the same levels of labour market success as comparable natives, can result in immigration becoming an excluded minority with implications for social cohesion. The persistence of immigrants in lower paid and less skill-intensive occupations may also lead to a productivity loss for the host economy.

3.3 Meios de Entrada a Trabalho no País

Devido à tradição emigratória irlandesa, nunca houve a necessidade de intensiva programação de políticas de adequação e regulamentação da entrada de imigrantes no país. Todavia, com o processo de crescimento econômico e com a respectiva transformação do país em pólo de atração de imigrantes, esse aspecto jurídico passou a ser mais bem considerado e

²⁵ Vide anexo 2: Occupational Distributions of Immigrants and Natives.

trabalhado de forma a regulamentar com maior preciosismo a entrada de migrantes no país, principalmente a daqueles com intenções de trabalho.

Certamente, a principal mudança ocorrida nos últimos dez anos na legislação de trabalho para imigrantes foi a liberalização de entrada e de trabalho para os novos membros da União Européia em maio de 2004. Conforme já foi referido ao longo deste trabalho, este fato foi muito relevante para a Irlanda, uma vez que a entrada destes nacionais superou qualquer expectativa prevista. Em razão desta questão, a liberalização para Bulgária e Romênia foi adiada para 2012, com intuito de primeiramente organizar a situação dos imigrantes já instalados no país para, após, reiniciar o processo. Vale também ressaltar como mudança significativa no padrão imigratório irlandês a alteração de foco no perfil do imigrante a ser atraído para o país. Desde 2003, a Irlanda tem reduzido a autorização de vistos de trabalho para pessoas de baixa qualificação e a obtenção deste tipo de visto têm se tornado cada vez mais restrita e rigorosa.

Ainda como pontos significativos na legislação de trabalho do imigrante na Irlanda, ressalta-se a criação de um *Green Card* (diferente do americano), em 2007, para atender a demanda de não irlandeses altamente qualificados e a liquidação, através de um referendo ocorrido em 2004, do direito de cidadania a qualquer pessoa nascida no país. Atualmente, a Irlanda segue o princípio do *Jus Sanguinis*.²⁶ Ao contrário de países com longa tradição imigratória, como Estados Unidos, Austrália e Canadá, a Irlanda não possui uma política imigratória perene, ou seja, nesse país não há a possibilidade de aquisição de visto permanente. Existem, todavia, diversas outras possibilidades de trabalho no país, as quais serão brevemente detalhadas a seguir.

Cidadãos do Espaço Econômico Europeu têm autorização para trabalhar sem nenhum tipo de regulamentação excedente, com restrição somente aos nacionais da Bulgária e Romênia que, conforme referido acima, somente passarão a desfrutar dos mesmos direitos a partir de 2012. A estas pessoas é apenas exigida a obtenção de registro PPS (Personal Public Service). Nacionais não pertencentes a este espaço, todavia, utilizam outras ferramentas para obter a liberação de trabalho na Irlanda. O *Green Card* pode ser solicitado por imigrantes de alta qualificação que tenham recebido uma proposta de emprego de alguma empresa irlandesa

²⁶ Jus sanguinis é um termo do direito internacional público para determinar que só é considerado cidadão de um país aquele que possui origem sanguínea da cidadania.

e que vão auferir, pelo menos, 60.000 euros por ano. Para imigrantes com a mesma situação, todavia, com salários menores (entre 30.000 e 60.000 euros) há também a possibilidade de requerimento do *Green Card*. Nestes casos, porém, a liberação depende do setor da economia que o imigrante irá atuar. O prazo de validade deste tipo de visto de trabalho é dois anos, sem limites para renovações. Em ambas as situações, a família do imigrante também pode se deslocar para a Irlanda. Tanto esposas como dependentes do imigrante com *Green Card* têm direito a requerer permissão de trabalho (*work permits*) sem que haja teste da sua necessidade no mercado.²⁷

Os *Work permits* são vistos de trabalho liberados para imigrantes com funções determinadas no mercado de trabalho irlandês, porém que possuam rendimentos inferiores a 30.000 euros. Este benefício não pode ser concedido, entretanto, a alguns profissionais prestadores de serviços e clérigos. Para que possa existir um *work permit*, faz-se necessário provar que o profissional para o qual o visto está sendo requerido é realmente fundamental para a Irlanda e que não há, no país ou no Espaço Econômico Europeu, cidadão interessado em preencher a vaga existente. A divulgação dessa é feita no EURES Network e em jornais locais da Irlanda. Quando obtidos, os *work permits* são válidos por dois anos com possibilidade de renovação por mais três anos. Vale ressaltar, ainda, que neste caso, existe o prazo de um ano para que a família do imigrante possa se mudar para o país.

A transferência intra-empresas, ou seja, de funcionários de uma multinacional para sua filial na Irlanda também é possível, sendo mais comum para profissionais de alto escalão, como gerentes e diretores. Quando liberada, a permissão de trabalho tem duração de dois anos e pode ser prolongada por mais três. Estudantes e recém graduados também possuem um tratamento diferenciado ao trabalhar no país, uma vez que os primeiros obtêm licença para trabalhar vinte horas por semana durante o período letivo²⁸ e, durante as férias, podem atuar em turno integral. Os imigrantes recém graduados na Irlanda não precisam deixar seus empregos após a conclusão do curso. Desde abril de 2007, foi instituído um prazo de seis meses para que imigrantes nesta situação consigam um emprego pelo qual possam solicitar a permissão de trabalho (*work permit* – acima citado).

²⁷ Conceito melhor definido abaixo

²⁸ Trabalho de 20 horas semanais é chamado de part time job

Nacionais da Austrália, Canadá, Hong Kong, Japão e Nova Zelândia, entre 18 e 30 anos, não precisam obter a permissão para trabalho na Irlanda, desde que o prazo de estadia no país não ultrapasse um ano. Asilados, por sua vez, não podem exercer profissão na Irlanda, exceto aqueles que ingressaram até julho de 1999.

A organização das novas leis para trabalho de imigrantes na Irlanda se mostrou bastante coerente, uma vez que se adequou às necessidades internas do país. A abertura para os novos membros da União Européia deu vazão a uma massa de trabalhadores dispostos a trabalhar em serviços de menor grau de qualificação. Dessa forma, esse tipo de mão-de-obra que anteriormente não era de tão simples obtenção passou a ser abundante e os meios que a atraíam tornaram-se desnecessários. Assim, é compreensível a limitação de vistos de trabalho para somente alguns setores da economia e para pessoas de alto grau de qualificação, já que o resto da demanda está sendo suprida pelos nacionais do EU10. (OECD Economic Survey Ireland 2008).

3.4 Impactos Econômicos da Imigração

3.4.1 Impactos sobre o Produto e Produtividade

Barrell et al. (2007) utilizou um modelo macroeconômico (NiGEM) para simular e analisar o impacto macroeconômico dos imigrantes dos novos países da União Européia para a Europa dos 15 e, também, de sua saída para os novos membros. O objetivo do autor era conseguir delinear os impactos dessas pessoas sobre o PIB, inflação, desemprego e PIB per capita através de diferentes hipóteses sobre o mercado de trabalho, considerando, ainda, as diferentes origens dos imigrantes e os diferentes graus de qualificação (Barrell et al., 2007).

Através desta simulação, os autores conseguem inferir que os países que enviam imigrantes têm seu produto reduzido pelo enfraquecimento da força de trabalho, todavia não existindo uma proporcionalidade. O contrário, por sua vez, ocorre nos países receptores de mão-de-obra imigrante, pois com a chegada de novas pessoas, há uma elevação do produto

potencial e esta, no longo prazo, se transforma em um real crescimento do PIB efetivo.²⁹ Deve-se, entretanto considerar a questão da produtividade, conforme entende-se de acordo com a citação abaixo (Barrell et al., 2007 p.10):

In Ireland and UK productivity falls as public sector infrastructure and the housing stock are assumed not to adjust fully, failing to rise to maintain the ratio of capital to labour. Intuitively this assumption seems more restrictive for the receiving countries than for the sending countries, for which is reasonable to assume that emigration would not lead to an immediate dismantling of public infrastructure. For the receiving countries it might seem more likely that public sector capital would adjust to reflect the increased population

Os resultados da simulação também levaram a entendimentos sobre desemprego e inflação nos países sob estudo. Levando-se em consideração, conforme anteriormente citado, que o fluxo migratório ocorrido para a Irlanda após o alargamento da União Européia, superou as expectativas previstas, compreende-se que este país poderia não estar totalmente preparado para receber tal acréscimo populacional. Em termos econômicos, pode-se dizer que o estoque de capital necessário para essas novas pessoas, poderia não existir quando chegaram à Irlanda. Assim, mantendo-se a mesma situação, não há espaço para os imigrantes até que haja o ajuste da economia. Dessa forma, por um curto prazo de tempo, os imigrantes ou ficam desempregados ou ocupam os postos de outros trabalhadores. Havendo um excesso de oferta de trabalhadores, os salários baixam o que, em um determinado espaço de tempo, faz com que mais trabalhadores entrem no mercado, elevando, dessa forma, o produto e, em consequência, a demanda por mão-de-obra. Em função destes fatores, o desemprego tende a voltar ao equilíbrio. (Barrell et al. 2007)

Todo o processo de entrada de novos trabalhadores, além de influenciar nos índices de desemprego, gera pressão também sobre a inflação. Com a diminuição dos salários, ocorre baixa da inflação e aumento da produtividade, uma vez que com o mesmo nível de produto, há mais contratações a menores salários. O aumento de pessoas empregadas, por sua vez, com o passar do tempo, ultrapassa a perda pelo decréscimo nos salários e, assim, a renda e o consumo das famílias voltam a crescer. Atrelado a este fator, também surge o crescimento da renda das empresas e seqüente investimento. Assim, os padrões de produtividade que haviam

²⁹ Neste caso, também não há uma razão proporcional entre o aumento de mão-de-obra disponível e o crescimento do PIB, uma vez que dependem da produtividade.

declinado ou voltam aos padrões iniciais ou formam um novo nível estável, (Barrell et al., 2007).

A simulação acima citada não foi totalmente realista para o caso da Irlanda, uma vez que, mesmo com a vinda dos imigrantes, o desemprego permaneceu praticamente inalterado (calcula-se o acréscimo de 1,7% em 2005)³⁰. Este fato se deve, provavelmente, à mudança da política de imigração de pessoas não pertencentes à União Européia, o que dificultou a entrada e permanência de uma parcela de imigrantes e, conseqüentemente, proporcionou a uma melhor inserção dos nacionais dos Novos Países da União Européia³¹ e, também, pela provável alta flexibilidade do mercado de trabalho irlandês.

Em resumo, infere-se da simulação de Barrell et al. que a Irlanda deve crescer, no longo prazo, em torno de 1,66% em função dos imigrantes do leste europeu. A maioria deste crescimento, todavia, deve ser utilizada pelos próprios imigrantes (inclusive através de remessas para seus países de origem), o que deve proporcionar um aumento do PIB *per capita* de em torno de 0,33%. No curto prazo, conforme este modelo, há baixa de salários em função da maior oferta de trabalhadores, diminuição da inflação e redução do crescimento *per capita*.³²

Em outro modelo, Barrett et al. (2007) analisou o fluxo migratório ocorrido para a Irlanda desde 1993 até 2003, não se focando, diferentemente de Barrell et al. nos nacionais dos Novos Membros da União Européia. Para estes autores, os imigrantes certamente foram responsáveis por uma importante parte do crescimento do Produto Nacional Bruto Irlandês e, também, do PNB *per capita*. Nesta visão, estas pessoas foram bastante relevantes, uma vez que faziam parte do primeiro grupo de imigrantes e eram muito mais qualificados que a população irlandesa em geral. Este aspecto, segundo os autores, foi capaz de aumentar a demanda por e os salários dos trabalhadores menos qualificados. Consta ainda que, em torno de 3,5% do crescimento de PNB do período, são atribuídos aos imigrantes.³³

³⁰ Instituto Nacional de Pesquisas Sociais e Econômicas de Londres *apud* OECD Economic Survey Ireland 2008

³¹ Fato já analisado pela autora anteriormente.

³² Barrell et al., 2007 *apud* OECD Economic Survey Ireland 2008. Os dados desta simulação foram revistos na última pesquisa econômica da Irlanda de 2008 e, dessa forma, o PIB no longo prazo foi alterado para 3,3% e o *per capita* para 0,7%.

³³ Barrett et al., 2007 Londres *apud* OECD Economic Survey Ireland 2008

3.4.2 Impactos sobre Empregos e Salários

Os imigrantes na Irlanda, conforme tem sido mostrado durante este capítulo, são relevantes para a economia do país e tiveram responsabilidade sobre a manutenção do crescimento econômico. A primeira onda de imigrantes era composta por pessoas de alta qualificação, principalmente originárias de países falantes da língua inglesa e nacionais irlandeses em retorno ao país. Estas pessoas, por sua vez, por sua qualificação e habilidade com o idioma, pressionaram para baixo os salários de cargos de alta qualificação, diminuindo a disparidade salarial e, ainda, ajudaram a criar novos postos de trabalho para pessoas com menor grau de qualificação. A mão-de-obra necessária para as multinacionais já instaladas no país precisava ser majoritariamente qualificada e, apesar dos investimentos em educação já vistos no primeiro capítulo, os trabalhadores irlandeses não eram suficientes. Entende-se assim, que esta primeira leva de trabalhadores imigrantes era complementar aos irlandeses e ajudou a dinamizar a economia, uma vez que criou novas demandas por emprego de nacionais menos qualificados.

Jean et al. 2007, Jean e Jimenéz, 2007 e Manacorda et al apud Pesquisa Econômica da OECD para a Irlanda 2008, p. 108 inferem:

Instead it has allowed a fully employed to continue growing. This pattern is consistent with OECD research and the empirical literature which finds that immigration generally has little influence on unemployment and wages of local workers, especially where they complement rather than substitute for the native-born population

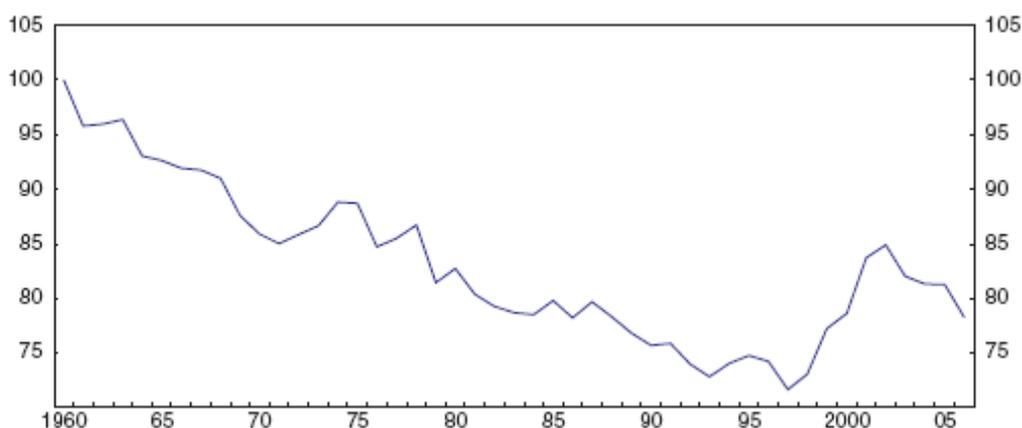
A segunda forte leva de imigrantes, ocorrida após o alargamento da União Européia, se diferenciou da primeira, principalmente, por ser composta por pessoas diretamente capazes de competir com os trabalhadores irlandeses, ou melhor, com trabalhadores irlandeses de baixa qualificação. Conforme foi analisado neste capítulo, os imigrantes dos Novos Países da União Européia são, em sua maioria, qualificados em seus países de origem, porém as dificuldades com a língua inglesa impossibilitam a obtenção de cargos para seu nível de conhecimento. Dessa forma, sofrem o “gap ocupacional” e acabam competindo com nacionais irlandeses com menor nível educacional. Deve-se ressaltar, entretanto, que estes novos imigrantes não deslocam somente os irlandeses menos qualificados de suas posições, mas

também os imigrantes não-europeus (através do aumento do rigor para a entrada de trabalhadores de países terceiros).

Deve-se salientar ainda que, mesmo com a maior oferta de trabalhadores para os mesmos ramos de atuação, não houve um aumento significativo dos índices de desemprego. Na realidade, os trabalhadores irlandeses acabaram sendo deslocados para outras funções que não as exercidas pelos imigrantes, como setor público e construção civil. Os imigrantes, por sua vez, se colocaram principalmente no setor de serviços. Infere-se, através de dados coletados na QNHS³⁴ que setores como manufatura e hotelaria e restaurante sofreram quedas significativas na participação de nacionais (respectivamente uma queda de 229.000 e de 66.000 trabalhadores) e, por sua vez, também um grande aumento na parcela de imigrantes integrantes do setor (respectivamente 166.000 e 144.000 trabalhadores). Apesar de terem sido realocados dentro do mercado de trabalho, os trabalhadores irlandeses sofreram com a baixa nos índices salariais, devido ao aumento de oferta de mão-de-obra. Conforme pode ser visto no gráfico abaixo, há uma queda, após 2004, nos índices salariais dos nacionais não qualificados. Ressalta-se que redução nos salários não foi tão fortemente sentida pelos irlandeses em questão, já que em função do crescimento econômico, já haviam melhorado substancialmente seus padrões de vida.

Gráfico 3: Índices de salários de trabalhadores não-qualificados pela média salarial.

Índice 1960 = 100



³⁴ Quartely Nationals Households Survey (Pesquisa Trimestral Nacional das Famílias) entre o primeiro trimestre de 2005 e o primeiro trimestre de 2007.

Fonte: ESRI baseados em cálculos do CSO ³⁵

Em relação aos salários dos imigrantes não há muita diversidade de informação disponível principalmente quando comparados aos dos irlandeses, todavia infere-se que quanto mais qualificado e quanto mais conhecimentos da língua da língua inglesa possuir o imigrante, melhores serão as possibilidades de obter uma posição adequada. Fatores como tempo de trabalho também podem influir.

Barrett et al (2006) utilizou os dados de duas pesquisas para analisar aspectos dos salários dos imigrantes.³⁶ Segundo os autores, estes em geral auferem em torno de 18% menos que os irlandeses. Esta porcentagem, todavia, varia também de acordo com o gênero do imigrante e país de origem. Cidadãos originários de países nos quais se fala inglês têm pouca desvantagem em relação ao trabalhador irlandês, porém imigrantes de países não falantes da língua inglesa podem auferir até 31% menos que os nacionais. Dentre os trabalhadores não originários de países onde se fala a língua inglesa, os que sofrem maior desigualdade salarial são os originários dos Novos Membros da União Européia, recebendo até 45% menos que os irlandeses. Para os cidadãos originários da Europa dos 13 e não europeus, a disparidade fica em torno de 27%.³⁷ Mulheres imigrantes além de sofrerem com a desigualdade salarial por não serem irlandesas, ainda tem desvantagens pelo gênero: recebem, geralmente, 12% a menos que o homem imigrante.

Segundo a Pesquisa de Discriminação ou Racismo com o Imigrante de 2005, em relação aos imigrantes que possuem visto de trabalho, não há muitas variações nos salários por distinção de raças. Brancos, negros, asiáticos e outros recebem em média 10,83 euros por hora de trabalho, sendo que a raça que possui maiores ganhos é a negra, contabilizando 11,04 euros por hora.

³⁵ Figura retirada da Pesquisa Econômica para Irlanda 2008

³⁶ QNHS do segundo trimestre de 2004 e a EU-SILC.

³⁷ Estas porcentagens não são totalmente confiáveis, uma vez que ambas pesquisas foram feitas com pequenas amostras.

3.4.3 Impactos sobre as finanças públicas

Os impactos dos imigrantes nas contas públicas irlandesas não pode ainda ser completamente mensurados em função da atualidade dos fatos, porém existem algumas perspectivas de longo prazo e análises atuais de que, no total, são positivos, (Economic Survey Ireland 2008). Sobre o assunto, infere-se que o perfil atual do imigrante na Irlanda não onera o Estado de forma agressiva, uma vez que essas pessoas, em sua maioria, são jovens que dificilmente têm problemas de inserção no mercado de trabalho. Dessa forma, não há gastos extraordinários com seguro desemprego para estrangeiros.

Além deste fator, infere-se que as pessoas que se deslocam para a Irlanda, geralmente, não são acompanhadas por suas famílias o que, por um lado, alivia a pressão sobre os benefícios sociais a serem oferecidos pelo Estado, mas, por outro, diminui a possível arrecadação do país. O imigrante que sustenta sua família no exterior, além de, geralmente, possuir um elevado grau de poupança e de fazer remessas contínuas para seu país de origem, gasta muito pouco com sua própria sobrevivência na Irlanda. Este fato não é somente preocupante pela perda de arrecadação do Estado, mas por evidenciar a falta de integração destas pessoas – questão já anteriormente analisada como segurança nacional, uma vez que a sociedade e economia irlandesas necessitam destas pessoas para manter os padrões de desenvolvimento até agora alcançados.

Os impostos cobrados sobre as rendas dos imigrantes não qualificados são baixos e não evidenciam grande arrecadação ao Estado, todavia, com seu consumo interno, estas pessoas já contribuem normalmente com a economia. Esta questão pode ser melhor identificada no trecho abaixo, retirado da Pesquisa Econômica sobre a Irlanda 2008, p. 114 .

The direct short-term impact depends on the balance between taxes paid and public services received. In Ireland's case, it amounts to the difference between two small numbers. On the revenue side, while most migrants are employed, they tend to be in relatively low paid jobs; with the lowest fifth of income earners paying no income tax, they may therefore not be contributing significantly to government revenues, though they will be paying social security contributions as well as VAT on their consumption. However, to the extent that skilled migrants are a necessary complement to the policy of attracting foreign multinationals, they enable the country to continue receiving the significant corporate tax revenues from this sector.

Relevante ainda é o impacto dos imigrantes em relação à infra-estrutura. A Irlanda e, principalmente, Dublin, não estavam preparados para a chegada de tamanho contingente populacional e este fato pressionou a demanda por imóveis e, por conseguinte, o valor dos aluguéis. Em relação aos preços das moradias em construção, o efeito não pode ser tão fortemente notado, uma vez que o custo da mão-de-obra do setor sofreu uma queda com a chegada dos imigrantes. A busca por aluguéis de casas e apartamentos se torna cada vez mais complicada no país, apesar de existirem meios de divulgação e obtenção por jornais e internet. É bastante comum pessoas de diversas nacionalidades, diferentes idades e objetivos no país dividirem a mesma residência por questões econômicas e, também, muitas vezes, por falta de outra opção.³⁸ O aluguel de um quarto no centro de Dublin pode custar em média 500 euros por mês, o que pode ser bastante significativo considerando um salário médio de 1.800 euros mensais (O'connell et al., 2007)

Os problemas de infra-estrutura não se limitam, todavia, às questões de moradia. Há impactos nos transportes e rodovias, para os quais já foram despendidas reservas públicas com o intuito de abrandá-los. “Lastly, the scale of the inflow has added to pressure on infrastructure such as roads and public transport. This has prompted a large publicly-funded infrastructure upgrade, though it probably would have taken place anyway with immigration simply hastening the process (OECD Economic Survey Ireland 2008, p. 114)

Nesta parte do trabalho buscou-se delinear um perfil do imigrante na Irlanda, assim como suas interações na economia e sociedade. Na conclusão serão pinceladas algumas sugestões para estrangulamentos encontrados durante este capítulo, assim como outras considerações finais.

³⁸ Experiência vivenciada pela autora durante moradia no país.

CONCLUSÃO

Ao analisar o título deste trabalho “OS IMIGRANTES NA IRLANDA: análise das causas e de suas repercussões na economia e sociedade”, a grande maioria dos leitores poderia chegar a uma conclusão equivocada sobre o porquê de os imigrantes na Irlanda merecerem um estudo especial. Por questões culturais e, até mesmo, por sermos residentes de um país em desenvolvimento, estamos acostumados a entender o imigrante como algo indesejado na maioria das grandes economias mundiais. Costumamos acreditar que estas pessoas oneram os Estados para os quais imigram e ainda são capazes de gerar transtornos sociais, uma vez que suas culturas são diferentes e, nem sempre, bem aceitas.

O caso irlandês, todavia, não se configura nos padrões supracitados. O imigrante na Irlanda não é somente necessário para o bom andamento da economia, mas fundamental. Conforme foi exaustivamente tratado ao longo deste trabalho, a Irlanda passou por um crescimento econômico muito significativo nas últimas duas décadas o que, por sua vez, elevou a renda dos nacionais, a capacidade produtiva e, da mesma forma, a demanda por mão-de-obra. Quanto ao suprimento de mão-de-obra atual, não há problemas iminentes, pois, como foi visto, a fluxo de imigrantes só tem se elevado nos últimos anos, principalmente após maio de 2004. Entretanto, outras questões como a integração destes estrangeiros devem ser consideradas como ponto de estrangulamento e desafio atual para o Estado Irlandês.

“Immigration has soared in recent years. The immigrants tend to be young, welleducated and work. But they often work in basic jobs. Immigration policy should thus focus on better integration”. Assim inicia o capítulo sobre imigrantes da Pesquisa Econômica para a Irlanda 2008, o que de forma clara transpõe qual é a principal questão a ser trabalhada atualmente. Partindo-se da premissa que estas pessoas são parte do motor de desenvolvimento irlandês e que mantê-las no país faz parte da segurança econômica da Irlanda, urgem alterações drásticas na política de integração dos imigrantes.

O perfil do estrangeiro na Irlanda é o de uma pessoa jovem, qualificada (muitas vezes com ensino superior) e que se deslocou para o país sozinho, ou seja, ou não possui família ou a deixou em seu país de origem. Estas pessoas trabalham geralmente em funções aquém de seu grau de qualificação, não falam ou mal falam a língua inglesa, dividem apartamentos (normalmente afastados dos seus locais de trabalho pelo alto custo dos aluguéis) com diversos outros imigrantes, gastam muito pouco, pois poupam para retornar ao país de origem com

melhores possibilidades de vida ou fazem remessas estrangeiras mensais para sustentar a família que ficou. Há, ainda, questões indiretas que recaem sobre essas pessoas. Não sendo falantes da língua inglesa, estas não compreendem os jornais e nem os programas televisivos e, se vão ao médico, por exemplo, não conseguem expressar o que sentem.

Através desta breve descrição do imigrante, tenta-se demonstrar que não há nada que realmente o vincule ou o comprometa com a Irlanda, o que confronta diretamente com o grau de importância que este grupo de pessoas representa para a economia do país. Nada os impede de deixar a Irlanda no caso de uma nova economia ascendente dentro da Europa e no mundo³⁹ ou, simplesmente, retornarem aos países de origem quando considerarem que já pouparam o suficiente. Sobre este aspecto, infere-se ainda que recentemente mais seis membros da Europa dos 15 liberaram seu mercado de trabalho aos Novos Membros da União Européia, o que para a Irlanda pode ser bastante preocupante, uma vez que boa parte da mão-de-obra estrangeira é originária destes países. Há, ainda, outros fatores estimuladores de um possível êxodo: os Jogos Olímpicos de Londres em 2010 (o que vai demandar excessiva mão-de-obra nesta cidade), o crescimento da construção civil na Irlanda do Norte e, finalmente, o próprio revigoramento das economias do leste europeu pelos fundos de transferência da União Européia.⁴⁰ Na reportagem “*Irlandia!Irlandia!*”, do dia 22 de outubro de 2007, do jornal francês Le Monde há uma frase bastante impactante do presidente da Polônia, Lech Kaczynski, que exemplifica de forma clara o momento atual: “ *La Pologne va bien, il faut revenir!*” (A Polônia está bem, vocês podem voltar!).

Sabendo-se que a Irlanda está exposta a passar por dificuldades com a permanência da população imigrante, urge que alterações na política imigratória sejam criadas de forma a evitar o êxodo de estrangeiros em caso de novos atrativos no exterior ou, até mesmo, de baixa no crescimento econômico irlandês. Recentemente foi criado o Ministério da Integração para criar e coordenar políticas efetivas de integração de imigrantes, conforme infere-se do trecho abaixo retirado da Pesquisa Econômica para a Irlanda 2008, p.115:

The importance of integration is recognised by the government, which has recently created the post of Minister for Integration to coordinate integration efforts across government departments, agencies and services, although actual delivery of

³⁹ A Europa seria o mais viável aos cidadãos europeus pela possibilidade de livre circulação e trabalho dentre alguns membros.

⁴⁰ A autora infere que os países do leste europeu podem, em menor grau, estar traçando uma trajetória similar a da Irlanda.

integration services is the responsibility of mainstream government departments. A taskforce on integration will report this year and a Ministerial Council for Immigrants is being established to bring the immigrant voice to the table.

A criação de novos órgãos é importante, mas de nada valem sem políticas ativas na sociedade. É necessário que projetos de ensino da língua inglesa para imigrantes sejam formulados e, em alguns casos aprimorados. Já existem alguns projetos, mas possuem pouca amplitude e são mal elaborados, uma vez que o horário de execução das aulas não condiz com o de um trabalhador. Atualmente, há custos para tais cursos e poucos professores, o que se mostra desconexo com uma população que trabalha muito e prima por poupar. O ensino da língua inglesa deveria ser estendido não só a trabalhadores que necessitam diminuir seu *gap ocupacional*, mas a imigrantes de todas as idades – principalmente crianças e adolescentes. Aplicando essa proposta, se evitaria a ocorrência de *gap ocupacional* para gerações seguintes. (Pesquisa Econômica para a Irlanda, 2008)

Faz-se importante também abrandar a política de imigração para estrangeiros de fora da União Européia a fim de haver uma alternativa aos imigrantes do leste europeu e também estimular a vinda das famílias dos imigrantes. Para isso não é necessário que exista uma política específica, basta que alguns fatores limitadores sejam alterados. Ou seja, se o imigrante reduzir seu *gap ocupacional*, provavelmente terá mais estímulo a permanecer no país e trazer sua família. Ainda, se houver a um subsídio governamental para compra ou aluguel de imóveis para imigrantes, também será aprimorada a possibilidade de vinda da família, uma vez que esta terá um local apropriado para viver – diferente de dividir aluguel com outros tantos estrangeiros. (Pesquisa Econômica para a Irlanda, 2008)

Estes pontos supracitados são apenas algumas sugestões tendo em vista a grande gama de possibilidades existentes para elevar o grau de integração dos imigrantes. Ressalta-se, ainda, que conforme foi proposto na hipótese deste trabalho, os imigrantes na Irlanda não estão suficientemente inseridos na sociedade e esta questão pode se tornar um problema de segurança econômica para o país. Todavia, já há por parte dos estudiosos irlandeses e, também, pelo Estado Irlandês, o reconhecimento e a identificação deste estrangulamento. Assim sendo, as bases para a solução e impedimento de maiores impactos já foram criadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRELL, R.ay; FITZ, John G.; RILEY, Rebecca. **EU Enlargement and Migration: Assessing the Macroeconomic Impacts**, *National Institute of Economic and Social Research Working Paper* 203, 2007. Disponível em <http://eur.sagepub.com/cgi/content/abstract/5/4/305>, último acesso em nov/2008.

BARRETT, Alan. **Irish Migration: Characteristics, Causes and Consequences**. Economic and Social Research, Dublin, CEPR, Londres e IZA, Bonn Working Paper 97, 1999.

BARRETT, Alan; FITZ, John G; NOLAN, Brian. **Earnings Inequality, Returns to Education and Immigration into Ireland**. IZA Discussion Paper 167, 2000. Disponível em <ftp://repec.iza.org/RePEc/Discussionpaper/dp167.pdf>, último acesso em nov/2008.

BARRETT, Alan; BERGIN, Adele; DUFFY, David. **The Labour Market Characteristics and Labour Market Impacts of Immigrants in Ireland**. IZA Discussion Paper 1553, 2005. Disponível em www.iza.org/conference_files/amm_2005/barrett_a51.pdf, último acesso em nov/2008.

BARRETT, Alan; MCCARTHY, Yvonne. **Immigrants in a Booming Economy: Analysing their Earnings and Welfare Dependence**. IZA Discussion Paper 2457, 2006. Disponível em <ftp.iza.org/dp2457.pdf>, último acesso em nov/2008.

BARRETT, Alan; Duffy, David. **Are Ireland's Immigrants Integrating into its Labour Market?**. ESRI Working Paper 199, 2007. www.oecd.org/dataoecd/56/25/41572082.pdf, último acesso em nov/2008

BORJAS, George J. **Economic Theory and International Migration**. *International Migration Review*, v. 23, n. 3, p. 457-485, 1989.

BROWN, Terence. **A Social and Cultural History 1922-2002**. Harper Perennial. Dublin, 2004.

BURNHAM, James B. Why Ireland Boomed. 2003). *The Independent Review*, v. 7, n.4 ,p. 537-556, 2003.

CHISWICK, Barry R.; **Are Immigrants Favorably Self-Selected? An Economic Analyses**. IZA Discussion Paper 131, 2000. Disponível em <ftp.iza.org/dp131.pdf>, último acesso em nov/2008

CHISWICK, Barry R.; LEE, Yew L; MILLER, Paul. **Longitudinal Analysis of Immigrant Occupational Mobility: A Test of the Immigrant Integration Hypothesis**. *International Migration Review* v. 39 p. 332-353, 2005.

BREATHNACH, Proinnsias. **Exploring the 'Celtic Tiger' Phenomenon: Causes and Consequences of Ireland's Economic Miracle**. *European Urban and Regional Studies* 305,

1998. Disponível em <http://eur.sagepub.com/cgi/content/abstract/5/4/305>, último acesso em nov/2008.

CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J. **The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World**. New York: The Guilford Press, 2003.

CSO Ireland (Central Statistics Office Ireland). - www.cso.ie, Key economic indicators.

CSO Ireland (Central Statistics Office Ireland). **Regional Population Projections 2006-2021**, Central Statistics Office Ireland, 2005

ESRI (The Economical and Social Research Institute) - www.esri.ie

FEDRIZZI, Geraldo. **O Recente Crescimento Econômico da República da Irlanda: Um Estudo de Caso**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Economia da Faculdade de Ciências Econômicas), UFRGS. Porto Alegre, 2002.

FIGUEIREDO, Joana Miranda. **Fluxos Migratórios e Cooperação para o Desenvolvimento Realidades Compatíveis no Contexto Europeu?** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional), Universidade de Lisboa. Lisboa, 2005

FITZ, John G. **The Republic of Ireland After 2000: The Icarus Complex**. *National Institute of Economic and Social Research Working Paper* 88, 1997.

INTERNATIONAL HERALD TRIBUNE. *Ireland gets a lesson in integration*, 26/10/2007. Disponível na Internet: <http://www.ihf.com/articles/2007/10/25/europe/irish.php?page=1>

MANACORDA, M.; MANNING, Alan; WADSWORTH, Jonathan. **The Impact of Immigration on the Structure of Male Wages: Theory and Evidence from Britain**. *IZA Discussion Papers* 2352, Institute for the Study of Labor (IZA), 2006. Disponível em <http://cep.lse.ac.uk/pubs/download/dp0754.pdf>, último acesso em nov/2008.

MASSEY, Douglas S. **Patterns and Processes of International Migration in the 21st Century**. Conference on African Migration in Comparative Perspective, jun/2003.

MASSEY, Douglas S. et. al.. **Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium**. Oxford: Clarendon Press, 2005.

MASSEY, Douglas S. **Patterns and Processes of International Migration in the 21st Century**. Conference on African Migration in Comparative Perspective, jun/2003.

MOODY, T. W.; MARTIN, F.X.. **The Course of Irish History**. Radio Telefís Éireann. Dublin, 2001.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. *Irlandia! Irlandia!*, 22/10/2007.

_____. *Le Miracle Économique Irlandais est Bien Terminé*, 26/06/2008.

O'CONNELL, Philip J.; MC'GINNITY, Frances. **Immigrants at Work Ethnicity and Nationality in the Irish Labour Market**. The Equality Authority and The Economic and Social Research Institute, Dublin 2008. Disponível em www.esri.ie/UserFiles/publications/20080910115348/BKMNEXT119.pdf, último acesso em nov/2008.

OECD. **Economic Surveys Ireland 2008**. Paris: OECD Publishing, 2008.

_____. **A Profile of Immigrant Population in the 21 Century**. Paris: OECD Publishing, 2008.

PORTES, A; BÖRÖCZ, J. **Contemporary Immigration: Theoretical Perspectives on its Determinants and Modes of Incorporation**. In: R. Cohen, *Theories of Migration*; Cheltenham: Edwar Elgar Publishing Limited, 1989.

RUSSELL, Helen; QUINN, Emma; O'RIAIN, Rebecca K.; MC'GINNITY, Frances. **The Experience of Discrimination in Ireland Analysis of the QNHS Equality Module**. The Equality Authority and The Economic and Social Research Institute, Dublin 2008. Disponível em www.esri.ie, último acesso em nov/2008.

STALKER, Peter. **Migration Trend and Migration Policy in Europe**. *International Migration Review*, v. 40, p. 151-179, 2002.

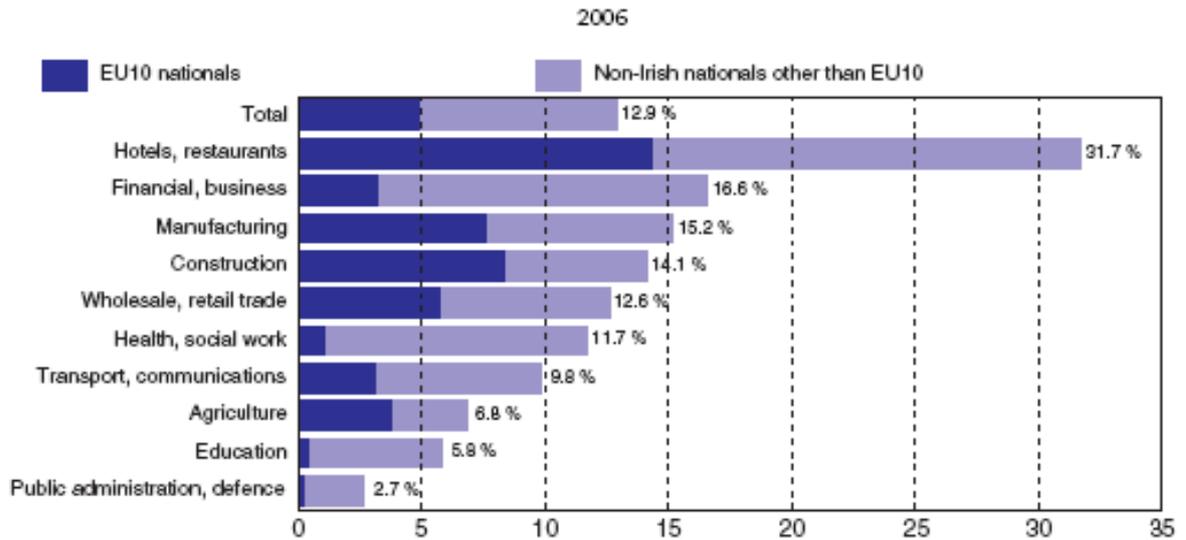
SHARE, Perry; TOVEY, Hilary; CORCORAN, Mary P. **A Sociology of Ireland**. Gill and Macmillan ltd. Dublin, 2007.

SWEENEY, Paul. **O Processo de Reforma Econômica da Irlanda – Obstáculos e Realizações**. In: *Reformas das Políticas Econômicas: Experiências e Alternativas*. Cadernos Adenauer, n.2, 2003.

THE ECONOMIST. Honey Pot, 28/8/1999.

ANEXO 1

Figure 6.4. Percentage of jobs in each sector held by immigrants



StatLink  <http://dx.doi.org/10.1787/285812685856>

Source: Central Statistics Office.

ANEXO 2

Table 1: Occupational Distributions of Immigrants and Natives

	Native	All immigrants	Arrived 04-05	Arrived 02-03	Arrived 00-01	Arrived 95-99
	%	%	%	%	%	%
Managers/administrators	19.2	9.5	7.1	9.6	8.1	15.6
Professional	12.1	13	7.1	12.4	16.7	19
Associate professional/ technical	9.5	12.4	8.4	13.7	15.2	13.9
Clerical and secretarial	13.9	10.1	8.8	9.9	11	11.5
Craft and related	15.2	16.8	23.5	15.9	11	14.2
Personal and protective service	11.1	17.4	19.3	19	16.7	12.9
Sales	9.5	10.8	12.4	10.6	10.5	8.5
Plant and machine operatives	9.5	10.1	13.5	8.9	11	4.4
	100	100	100	100	100	100
% in top three occupations	40.8	34.9	22.5	35.7	40	48.5
N	32536	1634	524	395	420	295